



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE COLETORES DE LIXO DOMICILIAR

João Pessoa – PB

2018

CELIANA PEREIRA DE SOUZA

A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE COLETORES DE LIXO DOMICILIAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Anísio José da Silva Araújo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

João Pessoa – PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729r Souza, Celiana Pereira de.

A relação trabalho e saúde de coletores de lixo domiciliar / Celiana Pereira de Souza. - João Pessoa, 2018.

118 f.

Orientação: Anísio José da Silva Araújo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

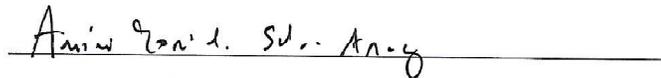
1. Coletores de lixo domiciliar. 2. Trabalho. 3. Saúde.
I. Araújo, Anísio José da Silva. II. Título.

UFPB/CCHLA

**A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE COLETORES DE LIXO
DOMICILIAR**

CELIANA PEREIRA DE SOUZA

Banca examinadora:



Dr. Anísio José da Silva Araújo
(UFPB, Orientador)



Dr. Paulo César Zambroni de Souza
(UFPB, Membro Interno)



Dr. Frankleudo Luan de Lima Silva
(UVA, Membro Externo)

A todos aqueles que trabalham na obscuridade, a exemplo dos coletores de lixo domiciliar, especialmente aos deste estudo que marcados por uma árdua trajetória de trabalho, trabalham sem formação profissional em meio a uma infinidade de riscos e privados de reconhecimento,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me socorrer e sustentar sempre, especialmente durante esses dois últimos anos que foram os mais árduos, desafiantes, mas também de muito crescimento. Pelo zelo, cuidado e suporte imprescindíveis, obrigada meu pai do céu.

Aos meus pais que me deram a vida.

À Universidade Federal da Paraíba, pelo ambiente criativo, enriquecedor e libertador, aos professores que fizeram parte de minha trajetória acadêmica desde o princípio até aqui.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Anísio José da Silva Araújo, antes de tudo, uma pessoa sem igual, imensamente humana, um profissional dedicado e amante do que faz. Sou grata por esse encontro, por toda compreensão comigo nos momentos difíceis e pelo encorajamento quando pensei que não seria capaz de chegar até aqui. Agradeço muito pelo carinho, pelas palavras de incentivo que foram o combustível para eu prosseguir, e que tornaram essa jornada mais leve. Obrigada, o senhor não foi só gente, foi também um anjo em minha vida.

Ao Prof. Dr. Paulo César Zambroni-de-Souza pela disponibilidade para ler e compor a banca examinadora, obrigada pelas contribuições e enriquecimentos ao meu trabalho desde a qualificação.

Ao Prof. Dr. Frankleudo Luan de Lima Silva por igualmente aceitar participar de minha banca, agradeço também pela disponibilidade e contribuições sempre enriquecedoras.

Aos coletores de lixo domiciliar, que mesmo inseguros e tímidos não hesitaram em contribuir, esmiuçaram ao máximo seu trabalho para que este trabalho fosse possível. Obrigada minha gente, 'tamo junto'!

À minha família, de maneira especial àqueles com quem pude conviver, meus avós, pai (estes já não se encontram entre nós), mãe, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, tios, tias, primos e primas.

Ao meu amor Maurício Sandro, por estar sempre ao meu lado, por me colocar sempre para cima e me fazer acreditar que posso mais do que imagino. Companheiro, amigo, paciente, compreensivo, alegre, amoroso e o mais forte do mundo, obrigada por tanto e por tudo. A vida é incrível ao seu lado!

A todos os meus amigos, desde os mais antigos aos mais recentes.

A Thaís Augusta, obrigada por plantar só coisa boa por onde passa, obrigada por ser só amor, luz e inspiração.

À família GPST (Grupo de Pesquisa Subjetividade e Trabalho) pelas ricas discussões que ampliaram meu conhecimento. Agradeço a todos vocês, professores, discentes e visitantes, do mais antigo ao mais recente, especialmente a Wilza Karla e Yana Thamires pelo apoio e ancoragem nos momentos que precisei.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida que custeou essa pesquisa e minha estadia em João Pessoa.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a relação trabalho e saúde de coletores de lixo domiciliar de uma cidade mediana do nordeste brasileiro. Do ponto de vista teórico, a Ergonomia da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho são as abordagens utilizadas para análise da relação trabalho e saúde que emergiu neste estudo. Quanto ao método, privilegiou-se uma abordagem qualitativa que teve como instrumentos uma entrevista individual semiestruturada e um questionário sociodemográfico. Para a análise dos dados, optou-se pela análise de conteúdo temático na perspectiva de Laville e Dione. Participaram deste estudo 13 coletores de lixo domiciliar do sexo masculino, com idades variando entre 25 a 51 anos ($M = 32$; $DP = 6,94$). Os resultados estão apresentados entre três artigos. No primeiro constatou-se que a trajetória de trabalho desses trabalhadores é similar, assinalada por empregos informais, sem garantia de salário fixo e de direitos básicos, conquistados apenas quando se tornaram coletores. Por outro lado, detectou-se que os coletores trabalham destituídos de qualquer formação profissional, o que os torna ainda mais vulneráveis diante dessa atividade precarizada, arriscada e insalubre em demasia. No segundo, evidenciou-se que os coletores estão expostos a uma diversidade de riscos (físicos, químicos, biológicos, ergonômicos, mecânicos e sociais) e que esta exposição acarreta consequências diversas à saúde. Identificou-se também que a relação dos coletores com os riscos é mediada pela utilização de estratégias defensivas capazes de atenuá-los, porém, que pouco colaboram para transformar positivamente as situações reais de riscos. No terceiro, evidenciou-se a falta de reconhecimento por parte da hierarquia (diretores, chefes, supervisores), e embora os coletores recebam reconhecimento do clientes/usuários, a relação com estes últimos não é de tudo desprovida de constrangimentos e desagradados. Por fim, os coletores encontram nos seus pares a fonte mais abundante de reconhecimento pela atividade que desenvolvem.

Palavras-chave: Coletores de lixo domiciliar; trabalho; saúde.

RESUMEN

La presente disertación tiene como objetivo analizar la relación trabajo y salud de recolectores de basura domiciliar de una ciudad mediana del nordeste brasileño. Desde el punto de vista teórico, la Ergonomía de la Actividad y la Psicodinámica del Trabajo son los enfoques utilizados para analizar la relación trabajo y salud que emergió en este estudio. En cuanto al método, se privilegió un abordaje cualitativo que tuvo como instrumentos una entrevista individual semiestructurada y un cuestionario sociodemográfico. Para el análisis de los datos, se optó por el análisis de contenido temático en la perspectiva de Laville y Dione. En este estudio participaron 13 colectores de basura domiciliar del sexo masculino, con edades variando entre 25 a 51 años ($M = 32$; $DP = 6,94$). Los resultados se presentan entre tres artículos. En el primero se constató que la trayectoria de trabajo de esos trabajadores es similar, señalada por empleos informales, sin garantía de salario fijo y de derechos básicos, conquistados apenas cuando se convirtieron en recolectores. Por otro lado, se ha detectado que los colectores trabajan destituidos de cualquier formación profesional, lo que los hace aún más vulnerables ante esta actividad precarizada, arriesgada e insalubre en demasía. En el segundo, se evidenció que los colectores están expuestos a una diversidad de riesgos (físicos, químicos, biológicos, ergonómicos, mecánicos y sociales) y que esta exposición acarrea consecuencias diversas a la salud. Se identificó también que la relación de los colectores con los riesgos es mediada por la utilización de estrategias defensivas capaces de atenuarlos, pero que poco colaboran para transformar positivamente las situaciones reales de riesgos. En el tercero, se evidenció la falta de reconocimiento por parte de la jerarquía (directores, jefes, supervisores), y aunque los colectores recibieron reconocimiento de los clientes / usuarios, la relación con estos últimos no es de todo desprovista de limitaciones y desagradables. Por último, los colectores encuentran en sus pares la fuente más abundante de reconocimiento por la actividad que desarrollan.

Palabras clave: Colectores de basura domiciliar; trabajar; salud.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the relationship work and health of household garbage collectors middle-sized city of the Brazilian Northeast. From a theoretical point of view, the ergonomics of the activity and the work psychodynamics are the approaches used to analyze the relationship between work and health that emerged in this study. As for the method, favored a qualitative approach that had as instruments A semi-structured individual interviews and a sociodemographic questionnaire. For the analysis of the data, we opted for the analysis of thematic content from the perspective of Laville and Dione. A total of 13 male household waste collectors, aged 25 to 51 years ($M = 32$, $DP = 6.94$) participated in this study. The results are presented in three articles. In the first, it was verified that the work trajectory of these workers is similar, signaled by informal jobs, without guaranteed fixed salary and basic rights, won only when they became collectors. On the other hand, it was detected that the collectors work without any professional training, which makes them even more vulnerable to this precarious, risky and unhealthy activity. In the second, it was shown that the collectors are exposed to a diversity of risks (physical, chemical, biological, ergonomic, mechanical and social) and that this exposure carries different health consequences. It was also identified that the relation of the collectors with the risks is mediated by the use of defensive strategies capable of mitigating them, however, that little collaborate to positively transform the real situations of risks. In the third, the lack of recognition by the hierarchy (directors, bosses, supervisors) was evidenced, and although the collectors receive recognition from the clients / users, the relation with the latter is not without constraints and displeasures. Finally, collectors find in their peers the most abundant source of recognition for the activity they do.

Keywords: Collectors of household waste; work; health

Lista de Siglas

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
MTE	Ministério do Trabalho e do Emprego
PDT	Psicodinâmica do Trabalho
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
ARTIGO 1- Considerações sobre a trajetória laboral e formação profissional de coletores de lixo domiciliar	18
INTRODUÇÃO.....	20
REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	21
A sociedade salarial	22
Ergonomia e formação no trabalho.....	25
MÉTODO	27
Participantes	27
Instrumentos de coleta de dados.....	28
Procedimento de coleta de dados.....	28
Procedimento de análise de dados	29
RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
1. <i>“Nasci e cresci no sítio, desde cedo trabalhei com coisas na roça”</i> : trajetórias de vida e de trabalho de coletores de lixo domiciliar.	29
2. <i>“Pra trabalhar aqui a gente não faz nenhum curso, a gente chega aí, bota a farda, toma café e vai pra o trecho”</i> : uma atividade aprendida na prática	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41
ARTIGO 2 - “Aqui tem que ter atividade mesmo, nesse trabalho tem que ser ligado”:	45
riscos, implicações e estratégias de defesa para a saúde de coletores de lixo domiciliar. 45	
INTRODUÇÃO	46
Psicodinâmica do Trabalho e riscos no trabalho	48
Riscos na atividade de coleta de lixo domiciliar e repercussões para saúde dos trabalhadores.....	49
MÉTODO	51
Participantes	52
Instrumentos de coleta de dados.....	52
Procedimento de coleta de dados.....	53
Procedimento de análise de dados	53
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	54
1. <i>“Risco nesse trabalho é o que não falta, tem de todo tipo, físico, químico, biológico, etc.”</i> : riscos na atividade de coleta de lixo domiciliar e condições de saúde dos trabalhadores.....	54
2. <i>“Ai como eu faço para me proteger? Cuidado, eu tomo sempre muito cuidado, um cuidado dobrado”</i> : estratégias de defesa e proteção à saúde.	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	67
ARTIGO 3 - “Reconhecimento aqui até existe, mas vem de poucos”:	71
reconhecimento na atividade de coleta de lixo domiciliar.	71
INTRODUÇÃO	72
Psicodinâmica do Trabalho e Reconhecimento no Trabalho	74
Reconhecimento na atividade de coleta de lixo domiciliar.....	76
MÉTODO	78

Participantes	78
Instrumentos de coleta de dados	78
Procedimento de coleta de dados.....	79
Procedimento de análise de dados	79
RESULTADOS E DISCUSSÃO	80
1. “ <i>Nunca recebi reconhecimento de nenhum, e o diretor eu não conheço</i> ”: a ausência de reconhecimento por parte da organização.....	80
2. “ <i>É raro, têm poucas pessoas que reconhecem, a maioria debocha</i> ”: entre o prazer de ser reconhecido e o sofrimento de ser discriminado.....	84
3. “ <i>Aqui dentro nós somos todos iguais, humildes pra caramba, sim nós reconhecemos o valor do outro e do trabalho que nós fazemos</i> ”: o reconhecimento dos pares.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES	109
APÊNDICE A	110
APÊNDICE B	111
APÊNDICE C	114
ANEXOS	116
ANEXO 1.....	117
ANEXO 2.....	118

APRESENTAÇÃO

Limpar constitui uma ação histórico-social que foi sendo construída e expandida no decurso do desenvolvimento social do ser humano e se configurou como uma prática necessária para a conquista de melhores condições de saúde e qualidade de vida da população. Uma prática que foi se consolidando e se manifestando de múltiplas maneiras, e alcançou ao longo da história, diversos graus de relevância nas sociedades que as encarou conforme suas culturas (Padovani, 2009).

No Brasil, a oficialização do serviço sistemático de limpeza urbana se deu ainda no século XIX, na cidade de São Sebastião, Rio de Janeiro, então capital do império. Consta que, em meados da década de 70 do século XIX, D. Pedro II regulamentou o serviço mediante o decreto de nº 3024. O contrato de limpeza e irrigação da cidade foi posto em prática pela empresa dos irmãos Gary, cujo sobrenome deu origem ao termo gari que perdura na atualidade e é atribuído aos trabalhadores de limpeza urbana no Brasil (Eigenheer, 2009; Monteiro, Figueiredo, Magalhães, Melo, Brito, Almeida & Mansur, 2001; Santos, 2004).

Na atualidade, os serviços de limpeza urbana estão assegurados pela Constituição Federal de 1988, que atribuiu a responsabilidade sobre os resíduos sólidos e resíduos perigosos às esferas nacional, estadual e municipal. O artigo 23 da Constituição Brasileira estabelece que compete a essas esferas a proteção do meio ambiente e o combate à poluição; o artigo 30, nos incisos I e V, determina que é atribuição do município legislar sobre os assuntos de interesse local, de maneira especial, quanto à organização dos serviços públicos, onde consta, entre outros, a limpeza urbana (Monteiro et al., 2001).

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2004) e a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO (2002), o serviço de limpeza urbana está na família 5142, denominada de Trabalhadores nos Serviços de Coleta de Resíduos, de Limpeza e Conservação de Áreas Públicas. A referida família é composta por Coletor de lixo domiciliar

(Agente de coleta de lixo, Coletor de lixo, Lixeiro); Varredor de rua (Gari, Margarida); Trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas; Coletor de resíduos sólidos de serviços de saúde (Coletor de lixo hospitalar, Coletor de resíduos de saúde, Coletor de resíduos hospitalares).

Por vezes, a limpeza urbana é vista como fator de embelezamento das vias públicas, porém, ela não significa apenas uma questão de estética, ela se constitui antes de tudo, como elemento vital à saúde, uma vez que a retirada de resíduos e dejetos do espaço coletivo onde todos transitam e sua destinação final apropriada é fundamental à eliminação de focos transmissores de diversas doenças que facilmente se alastram em meio às populações, ocasionando-lhes os mais diversos tipos de enfermidades. Dessa maneira, podemos afirmar que os trabalhadores de limpeza são diretamente implicados na garantia e promoção de saúde e que a ação desses trabalhadores contribui efetivamente para a redução das doenças e epidemias decorrentes da falta de higiene sanitária e asseio (Coelho, 2012; Monteiro et al., 2001).

Em meio aos serviços que compõem a limpeza urbana, destacamos a coleta de lixo domiciliar e aqueles responsáveis por ela, nomeados de agentes de coleta de lixo, coletor de lixo e lixeiro. Dada a importância dessa atividade, principalmente pela contribuição ao meio ambiente, à saúde pública, ao ordenamento da sociedade, dentre outras, a presente dissertação tem por objetivo geral analisar o trabalho desses profissionais procurando verificar de que modo implica a saúde dos mesmos. Na intenção de atender este objetivo geral, elaboramos os seguintes objetivos específicos: analisar o processo e as condições de trabalho dos coletores; identificar as fontes de prazer e sofrimento e os fatores geradores de satisfação e de reconhecimento na atividade; identificar os riscos e as estratégias defensivas mobilizadas para manutenção da saúde; verificar como se encontram as relações intersubjetivas, com, a

hierarquia, clientela e os pares; conhecer quais formas de adoecimento tem sido mais frequentes e seus motivos.

Justificamos a delimitação deste estudo pelo esforço de desvelar vestígios de relação entre a natureza do trabalho dos coletores e as implicações para a saúde e subjetividade desses trabalhadores. Esta é uma atividade que apresenta particularidades no que concerne à falta de formação profissional (Santos 2008; Souza, 2009; Velloso, Santos & Anjos, 1997; Velloso, Valadares & Santos, 1998), exposição a uma pluralidade de riscos (Anjos & Ferreira, 2000; Lazzari, 2009; Lazzari & Reis, 2011; Pedrosa, Gomes, Mafra, Albuquerque & Pelentir, 2010; Santos, 2008; Silva & Morraye, 2011; Souza, 2009) e carência de reconhecimento (Santos & Silva, 2009). Esses aspectos são depositários de um alto potencial comprometedor da saúde dos coletores, seja ela física ou mental.

Como referencial teórico, utilizamos a teorização de Robert Castel sobre a sociedade salarial, assim como as clínicas do trabalho. Dentre estas últimas, a Ergonomia da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) compõem o arcabouço teórico privilegiado para a condução deste estudo e inteligibilidade dos dados encontrados. Com as contribuições da Ergonomia da Atividade acerca da formação profissional embasada na atividade real de trabalho, tendo em vista mudanças positivas nas condições de trabalho (Lacomblez & Teiger, 2007), vislumbramos sua importância para segurança e saúde, sobretudo para quem trabalha em atividades arriscadas e em condições insalubres (Costa & Silva, 2010). Já a falta de formação pode se revelar em consequências drásticas sobre a saúde dos trabalhadores (Nepomuceno, Alvarez, Araújo & Figueiredo, 2017). Outrossim, alguns conceitos dessa abordagem alimentam as outras abordagens das Clínicas do trabalho, favorecendo e enriquecendo o entendimento das formulações feitas por estas últimas, a exemplo da Psicodinâmica do Trabalho, cuja inquietude substancial habita na compreensão do trabalho como um desafio psíquico para o sujeito.

A Psicodinâmica do Trabalho, que defende a centralidade do trabalho na vida do homem entende que o trabalhar é uma condição preponderante para a sua realização. Oferece, por conseguinte, elementos relevantes para a compreensão da relação homem/trabalho, bem como das repercussões subjetivas na vida e na saúde do trabalhador. Assim, auxiliaram na compreensão desse estudo, suas contribuições acerca de riscos no trabalho, suas implicações e estratégias de enfrentamento no intuito de conservar-se e, do mesmo modo, da dinâmica do reconhecimento e dos desdobramentos de sua ausência (Dejours, 2011; 2012).

Recorrendo a estes aportes teóricos, realizamos uma pesquisa que obedeceu a um delineamento não experimental, de caráter qualitativo. Como instrumentos, utilizamos um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi construído a partir das categorias teóricas desta pesquisa. Participaram do estudo 13 profissionais dos dois turnos de trabalho, sendo nove diurnos e quatro noturnos. Todos os procedimentos foram realizados na empresa responsável pela coleta, que depois de ser contactada pela pesquisadora, exigiu apenas o aval do comitê de ética em pesquisa. Em seguida, a gerência intermediou o contato entre pesquisadora e encarregado em virtude da proximidade deste último com os coletores. As entrevistas foram gravadas com consentimento dos coletores e, posteriormente, transcritas na íntegra para as análises. O tratamento dos dados foi conduzido através da análise de conteúdo temático na perspectiva proposta por Laville e Dionne (1999).

A dissertação segue o modelo de apresentação dividida por artigos e está estruturada em três deles, nos quais evidenciamos nossa intenção de revelar ao leitor elementos para sua compreensão de aspectos relevantes da realidade laboral dos coletores de lixo domiciliar. Dentre as inúmeras entradas viáveis no universo de trabalho dos coletores, reservamos o primeiro artigo para evidenciar a trajetória de trabalho e ausência de formação dos coletores; o segundo para retratar os riscos, suas implicações e as estratégias de defesas desenvolvidas pelos coletores para abrandar a percepção dos riscos em favor da conservação de si; por fim, o

terceiro para evidenciar as expressões do reconhecimento e suas repercussões para os coletores nesta atividade de trabalho.

Por último, nas considerações finais, retomamos os resultados encontrados no estudo, refletimos acerca das limitações e possibilidades futuras de investigações que visem à compreensão desse trabalho e como ele se reflete na saúde e subjetividade dos coletores de lixo domiciliar. Em seguida, encontram-se os anexos e apêndices que subsidiaram este estudo

ARTIGO 1- Considerações sobre a trajetória laboral e formação profissional de coletores de lixo domiciliar

Resumo: Este artigo tem por objetivo colocar em evidência a trajetória laboral e a formação profissional (ou sua ausência) dos coletores de lixo domiciliar de uma cidade de porte médio do nordeste brasileiro e como tal realidade pode incidir na saúde desses trabalhadores. Utilizamos como referencial teórico a teorização de Robert Castel sobre a sociedade salarial e a Ergonomia da Atividade, especialmente suas contribuições sobre “Formação em/pela análise do trabalho para/pela ação”, desenvolvida por pesquisadores portugueses. Para a análise dos dados, optamos pela análise de conteúdo temática. Evidenciou-se que a trajetória laboral desses coletores de lixo é marcada por ocupações informais, em um movimento que inicia no campo e se desloca para a cidade. O trabalho como coletor de lixo, apesar dos riscos que apresenta e de sua desvalorização social, apresenta-se para esses trabalhadores como um meio de inserção no trabalho assalariado formal, condição que nunca haviam experimentado antes e que permite alguma possibilidade de planejamento de vida, inviável nos trabalhos informais que ocuparam na vida. Por outro lado, constatou-se que, não obstante ser uma atividade que comporta uma variedade de riscos, a formação profissional é praticamente inexistente, o que contribui para tornar ainda mais vulnerável essa condição de trabalho. Tal realidade torna indispensável um maior investimento na formação profissional que vise assegurar para esses trabalhadores melhores condições de segurança e saúde, tendo no horizonte a valorização e a visibilidade social dessa categoria profissional tão útil à sociedade.

Palavras-chave: ergonomia e formação; análise do trabalho; coletores de lixo domiciliar.

Abstract: The objective of this article is to highlight the labor trajectory and the professional training (or absence) of household waste collectors in a medium - sized city in northeastern

Brazil and how this reality can affect the health of these workers. We use as theoretical reference the theorization of Robert Castel on the wage society and the Ergonomics of the Activity, especially his contributions on "Training in / by the analysis of the work for / by the action", developed by Portuguese researchers. For the analysis of the data, we opted for the analysis of thematic content. It was evidenced that the labor trajectory of these garbage collectors is marked by informal occupations, in a movement that begins in the field and moves to the city. Work as a garbage collector, despite the risks it presents and its social devaluation, presents itself to these workers as a means of insertion in formal wage labor, a condition they had never experienced before and which allows some possibility of life planning, in the informal jobs they occupied in life. On the other hand, it was found that, although it is an activity involving a variety of risks, vocational training is practically non-existent, which contributes to making this working condition even more vulnerable. This reality makes it necessary to invest more in vocational training aimed at ensuring better health and safety conditions for these workers, with a view to enhancing the social profile and visibility of this professional category so useful to society.

Keywords: ergonomics and training; work analysis; collectors of household waste.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo poner en evidencia la trayectoria laboral y la formación profesional (o su ausencia) de los recolectores de basura domiciliar de una ciudad de porte medio del nordeste brasileño y como tal realidad puede incidir en la salud de esos trabajadores. El marco teórico de la teoría de Robert Castel en la sociedad salarial y la actividad de la ergonomía, especialmente sus contribuciones sobre "Formación en / para el análisis de la obra para / por la acción", desarrollado por investigadores portugueses. Para el análisis de los datos, optamos por el análisis de contenido temático. Se evidenció que la trayectoria laboral de esos recolectores de basura está marcada por ocupaciones informales, en

un movimiento que se inicia en el campo y se desplaza hacia la ciudad. El trabajo como colector de basura, a pesar de los riesgos que presenta y de su devaluación social, se presenta para esos trabajadores como un medio de inserción en el trabajo asalariado formal, condición que nunca habían experimentado antes y que permite alguna posibilidad de planificación de vida, inviable en los trabajos informales que ocuparon en la vida. Por otro lado, se constató que, a pesar de ser una actividad que comporta una variedad de riesgos, la formación profesional es prácticamente inexistente, lo que contribuye a hacer aún más vulnerable esta condición de trabajo. Tal realidad hace indispensable una mayor inversión en la formación profesional para garantizar a estos trabajadores mejores condiciones de seguridad y salud, teniendo en el horizonte la valorización y la visibilidad social de esa categoría profesional tan útil a la sociedad.

Palabras-clave: ergonomía y formación; análisis del trabajo; colectores de basura domiciliar.

Introdução

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) estabelece alguns critérios para o acesso a algumas ocupações. No caso do coletor de lixo domiciliar, a CBO estabelece como requisito básico para ingressar nessa atividade a quarta série do ensino fundamental. Além disso, para que esses trabalhadores se tornem aptos para o exercício profissional é necessário que eles passem por uma formação específica e somente depois de um a dois anos de experiência é que estarão em condições de exercer este ofício de maneira mais segura e com maior êxito (CBO, 2002).

O que os estudos revelam, entretanto, é que os coletores apresentam um grau de escolaridade muito baixo, sendo, na maior parte dos casos, apenas alfabetizados, existindo até analfabetos entre eles. Tais dados evidenciam que a inserção nesta atividade sequer considera os requisitos mais básicos, fundamentais para uma melhor desenvoltura, conforto e eficiência

desses profissionais no trabalho (Coelho, 2012; Diogo, 2007; Pataro & Fernandes, 2014; Santos & Silva, 2011; Santos, Lima, Murta & Motta, 2009)

Para além do desrespeito às normas, estes estudos mostram a desvalorização que marca essa atividade de trabalho, que expõe seus trabalhadores a situações de grande nocividade, agravada pelo fato de não receberem qualquer tipo de formação que possibilite o exercício da atividade em condições mais seguras. O que a literatura registra neste sentido são reivindicações de trabalhadores por treinamentos que os capacitem para o trabalho e para a diminuição dos possíveis danos sobre a saúde (Santos 2008; Souza, 2009; Velloso, Valadares & Santos, 1998; Velloso, Santos & Anjos, 1997).

Dessa maneira, abordar o tema da formação para esta categoria de trabalhadores revela-se ainda premente, uma vez que esta atividade é classificada como arriscada e insalubre em grau máximo (Brasil, 2014; Silva & Morraye, 2011; Smidt & Vendruscolo, 2006).

O presente artigo tem um duplo objetivo: por um lado, evidenciar a trajetória laboral dos coletores de lixo domiciliar, buscando compreender as razões pelas quais esses trabalhadores representam de forma positiva a atividade de coleta de lixo, apesar de estarem submetidos a condições de trabalho tão adversas; por outro lado, refletir sobre o tema da formação profissional nessa atividade e como a sua ausência ou insuficiência pode contribuir para agravar um trabalho que encerra tantos riscos.

Ressaltamos que foi o próprio processo de investigação dessa atividade que despertou a necessidade de dedicar uma atenção particular a essas duas questões, que guardam uma relação crucial com a saúde e a segurança destes trabalhadores que, diariamente arriscam suas vidas em prol de um compromisso com a promoção da saúde para todo e qualquer membro da população beneficiada com o serviço de coleta de lixo domiciliar.

Referências teóricas

Para tratar teoricamente as categorias trajetória profissional e formação profissional, objeto do presente artigo, achamos pertinente recorrer primeiramente às reflexões do sociólogo Robert Castel a respeito da sociedade salarial. Embora os coletores de lixo desenvolvam um trabalho que pode ser tipificado como precarizado, ele guarda algumas características do *salariato* tal como definido por Castel, ou seja, um contrato de trabalho que assegura as garantias previstas na legislação trabalhista, um salário mensal, jornada de trabalho pré-definida, entre outros. Para quem viveu de trabalhos informais, viver essa condição significa, na ótica dos trabalhadores, um avanço.

Por outro lado, para refletir sobre a formação profissional consideramos necessário recorrer às contribuições da Ergonomia nessa temática específica. A atenção que a ergonomia dispensa à atividade de trabalho permitiu evidenciar que a formação, tal como tradicionalmente se desenvolve, não dispensa à atividade a devida importância, tanto é verdade que a base sobre a qual se formulam os programas de formação é o trabalho prescrito e é essa a razão do divórcio, tantas vezes evidenciado, entre teoria (prescrição) e realidade (atividade de trabalho). Para repensar a formação, consideramos necessário trazer o que julgamos de mais avançado nessa questão.

A sociedade salarial

Um autor que pode auxiliar na compreensão da realidade dos coletores é certamente Robert Castel e o seu conceito de Sociedade Salarial. Este se coloca como uma referência em toda a sua argumentação teórica. No seu entender, sociedade salarial é “a formação social que se impôs progressivamente nos anos de crescimento e cujo ponto culminante pode ser localizado em meados nos anos 1970” (Castel, 1995, p. 02). Tal sociedade buscou compatibilizar trabalho e proteção, concedendo ao assalariamento um lugar inédito na

história, o que significa dizer que ser assalariado é não “apenas receber um salário, uma retribuição monetária, mas um certo número de garantias e de direitos, essencialmente o direito ao trabalho e à proteção social” (Castel, 1995, p.02). Na origem da sociedade salarial encontra-se o “compromisso social” que se impôs desde o segundo pós-guerra, particularmente nos países da Europa ocidental, e que foi nomeado de Estado de Bem-Estar. Tal compromisso consistiu em “um certo equilíbrio entre o trabalho e o mercado, entre o respeito das condições necessárias para produzir as riquezas e a exigência de assegurar um mínimo de proteção àqueles que as produzem, isto é, aos trabalhadores” (Castel, 1998, p. 147). Na sociedade salarial, portanto, o trabalho foi parcialmente desmercadorizado, situação contrária é a que assistimos atualmente, ou seja, um movimento de remercadorização do trabalho.

(...) o trabalho não obedecia mais integralmente às leis do mercado, no sentido de que ao menos uma parte dele escapava às leis da competitividade e da concorrência. Havia uma forte presença do “salário indireto”, um salário para a “segurança”, destinado a financiar os trabalhadores e as suas famílias tanto nos períodos de suspensão provisória da atividade (o acidente, a doença) como por ocasião da cessação definitiva do trabalho (a aposentadoria) (Castel, 1998, p. 147).

O assalariamento, nesse sentido, “passou a ser, sobretudo, uma fonte de segurança, uma possibilidade de controlar o futuro, uma vez que o presente estava assegurado, quase de uma ponta a outra da escala social” (Castel, 1998, p.150). Castel (1998), ao mesmo tempo que diz que a sociedade salarial não quer dizer uma sociedade igualitária, afirma que nela “cada um goza de um mínimo de garantias e direitos e pode, ou podia esperar obter mais no futuro” (Castel, 1998, p.150).

O que se presencia hoje é o desmoronamento da relação salarial e que se manifesta: a) na desestabilização dos estáveis; b) na instalação da precariedade; c) num grande número de

indivíduos excedentes, que vivem sem lugar na sociedade e com raras possibilidades de vir a encontrá-lo.

Para ampliar sua lucratividade, as empresas buscam minimizar o custo do trabalho, o que as conduz a externalizar um número crescente de atividades em condições cada vez mais precárias e cada vez menos protegidas.

Desenvolve-se cada vez mais uma espécie de segundo mercado de trabalho que não está mais incluído no sistema de regulações da sociedade salarial, provedor de salários subpagos e subprotegidos, no seio do qual as mulheres e os jovens são majoritários (Castel, 1998, p. 154).

O fato é que o modelo de emprego assalariado não pode mais ser considerado o principal vetor de integração. Apesar disso, Castel (1998) não se associa aos advogados do fim da sociedade do trabalho, pois o trabalho permanece gozando de importância na vida das pessoas. A mutação é que nos vemos diante de um grande contingente de assalariados fragilizados. Desse modo, a relação com o trabalho é hoje vivida na angústia, na inquietação e no temor de perder o emprego e de sofrer as consequências disso.

Foi a relação com o trabalho que mudou profundamente. Ele é daqui para frente vivido por muitos como inquietação. O medo de perder o emprego predomina, e ele deixa de ser uma referência estável e uma garantia de integração à sociedade. Mas é ainda sobre o trabalho, quer se o tenha, quer este falte, quer seja precário ou garantido, que continua a desenrolar-se, hoje em dia, o destino da grande maioria dos atores sociais. Nesse sentido, pode-se continuar a falar de centralidade do trabalho, no sentido de que ele permanece, positivo ou, muitas vezes, negativamente, no centro das preocupações da maior parte das pessoas (Castel, 1998, p.157).

Castel (1998) se pergunta, entretanto, sobre a possibilidade de reorganizar o par trabalho-proteção nos moldes da sociedade salarial. Chama atenção para o risco de um retrocesso histórico caso nenhum tipo de regulação seja instituído para recobrir as novas formas de emprego.

Ergonomia e formação no trabalho

Conforme Lacomblez e Vasconcelos (2009), há certo estranhamento propor uma discussão entre Ergonomia e formação, uma vez que a mudança de comportamento dos trabalhadores não ocupa um lugar central nas discussões dessa abordagem, cujo objetivo principal é promover a adaptação do trabalho ao homem, e não do homem ao trabalho. Seguindo essa linha, a mudança deve acontecer nas condições e organização do trabalho (e não nos humanos como é a tônica nos programas de formação profissional), respeitando-se os limites e características dos humanos. Em função disso, a formação e o desenvolvimento das pessoas configura-se como um desafio para esta disciplina.

A questão da formação passa a integrar as preocupações da Ergonomia da atividade em decorrência da constatação de que os processos de formação em geral são construídos ignorando ou considerando de forma insuficiente as demandas que provêm do trabalho real (ou da atividade de trabalho). A ergonomia da atividade, como a própria denominação já pressupõe, privilegia a análise da atividade em situações reais de trabalho, o que implica no: enfrentamento de toda sorte de imprevistos e as regulações, adaptações, ajustes que demandam. Nesta perspectiva, que é também a de uma certa vertente da psicologia do trabalho, objetiva-se a “transformação das condições da realização da atividade real de trabalho e com o reconhecimento do papel que o trabalhador assume na sua organização” (Vasconcelos, Duarte & Moreira, 2010, p. 543).

Falzon e Teiger (2001) defendem uma formação pautada na Análise do trabalho, ou seja, “[...] para serem eficazes, as formações profissionais devem ser concebidas depois da análise dos objetivos, das competências já adquiridas e do comportamento no trabalho dos operadores experimentados [...]” (p. 171). Tal defesa está baseada na constatação de que as formações se encontram, em geral, muito distanciadas das situações reais de trabalho. Os programas de formação são erigidos tendo como base o trabalho prescrito, as noções teóricas a serem transmitidas (o que deve evidentemente ser um insumo para qualquer formação, mas não de forma exclusiva), desconsiderando as demandas do trabalho real. A análise do trabalho, portanto, deve constituir uma etapa prévia a formação e o seu sucesso estará condicionado pelo grau em que incorpora o trabalho real.

Neste sentido, Lacomblez e Teiger (2007) postulam três domínios onde esse encontro entre ergonomia e formação pode acontecer: *a formação dos trabalhadores justificada e definida graças à análise do trabalho; a formação dos atores de concepção e/ou de saúde em análise do trabalho; a análise do trabalho para o desenvolvimento da experiência profissional, integrada na transformação do trabalho.*

No primeiro, domínio a formação é precedida da análise do trabalho. Esta última permite simultaneamente o desenvolvimento do saber profissional, a mudança do sujeito e de sua maneira de agir no trabalho. No segundo domínio, a formação tem como objeto a análise do trabalho propriamente dita. Os atores aprendem as técnicas de análise do trabalho, contribuindo assim para mudar as condições de trabalho e para a descoberta de outras maneiras de agir. O terceiro domínio agrega os objetivos dos primeiros, vinculando-os às dimensões de pesquisa, ação e formação. Avança-se, assim, no sentido da superação do dilema “adaptação do trabalho ao homem ou do trabalho ao homem” (Nepomuceno, Alvarez, Araújo & Figueiredo, 2017).

Lacomblez e Teiger (2007) postulam que a experiência vem mostrando que a concretização de uma coisa não é possível sem a outra, ou seja, a ação nas condições de execução ou sobre os indivíduos não são excludentes. Pelo contrário, ambas podem acontecer simultaneamente. Deste modo, analisa-se o trabalho para promover o desenvolvimento do saber profissional e para criar condições para intervir nas situações de trabalho. Em suma, os processos formativos priorizam o desenvolvimento humano e não apenas nos momentos nos quais se transmite instruções que precisam ser cumpridas e praticadas (Costa & Silva, 2010).

Neste artigo procuramos evidenciar a importância da formação como um caminho para a prevenção em segurança e saúde no trabalho. Endossamos, assim, a perspectiva que se articula com a análise do trabalho real, tendo em vista uma formação que desemboque em ações de melhoria das condições de trabalho, sem esquecer que a conquista da saúde só é possível mediante o comprometimento e a determinação dos atores envolvidos no trabalho e no reconhecimento de que todos são igualmente responsáveis pela sua promoção e garantia (Costa & Silva, 2010; Falzon & Teiger, 2001).

Método

O presente estudo foi realizado entre fevereiro e maio de 2017 na empresa responsável pela coleta de lixo domiciliar de uma cidade de médio porte do Nordeste brasileiro. Obedeceu a um delineamento não experimental, de natureza qualitativa, de caráter descritivo e construído a partir de relatos dos profissionais de coleta de lixo domiciliar.

Participantes

Participaram deste estudo 13 coletores de lixo domiciliar, dos quais oito são trabalhadores diurnos e cinco são noturnos. Todos são do sexo masculino, com idades variando entre 25 a 51 anos ($M = 32$; $DP = 6,94$). A condição para participar do estudo foi

determinada pelo interesse e disposição de cada profissional, que, voluntariamente, registrou sua assinatura em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalte-se que a participação dos mesmos levou em consideração os aspectos éticos envolvendo investigação sobre seres humanos, conforme resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo foi submetido e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa.

Instrumentos de coleta de dados

Para realização do presente estudo optamos por dois instrumentos, sendo o primeiro um questionário sociodemográfico e o segundo uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi construído a partir das categorias teóricas desta pesquisa. Procurou-se contemplar as seguintes temáticas: histórico profissional; a formação profissional relacionada à coleta de lixo; análise da atividade de coleta de lixo domiciliar, o que implicou investigar como se desenrola o dia-a-dia de trabalho, que imprevistos ocorrem com certa frequência, que táticas desenvolvem, individual e coletivamente, para lidar com esses (e outros) imprevistos; quais as condições de trabalho asseguradas a esses trabalhadores e a que riscos estão expostos; como se apresentam as relações intersubjetivas, com a hierarquia, com os pares e com os usuários do serviço; se se sentem ou não reconhecidos no trabalho; o que os faz sofrer e sentir prazer no trabalho e, por fim, quais as implicações psíquicas e sociais associadas a essa atividade de trabalho.

Procedimento de coleta de dados

Primeiramente, contatou-se a gerência da empresa para apresentação da proposta de estudo. A aceitação da mesma ocorreu sem entraves, sendo exigido apenas o aval de um comitê de ética em pesquisa. Cumprida tal exigência, ficou autorizado o início da pesquisa. Em seguida, a gerência intermediou o contato com o encarregado em virtude de sua

proximidade com os coletores. Este, por sua vez, favoreceu, de maneira substantiva, o elo entre a pesquisadora e os trabalhadores. Respeitando a dinâmica da empresa, em dia e horário previamente acordados, foi apresentada a proposta de estudo aos trabalhadores e feito o convite para participar. Diante da concordância dos presentes, foram agendados dia e hora para a realização das entrevistas individuais, que aconteceram na empresa, sempre no final do expediente, para os trabalhadores diurnos, e antes dele, para os noturnos. Com o consentimento dos coletores, as treze entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Procedimento de análise de dados

O tratamento dos dados foi conduzido através da análise de conteúdo temático na perspectiva proposta por Laville e Dionne (1999). Para esses autores, o princípio da análise de conteúdo é marcado pela revelação da estrutura e dos elementos que compõem o conteúdo para então serem delineadas suas múltiplas características e extraídas sua significação, ou seja, trata-se de um esforço de compreensão dos significados da fala no seu contexto, a partir de inferências relativas ao seu conteúdo. A definição das categorias analíticas foi norteadas pelo modelo misto, embasadas tanto no referencial teórico adotado quanto nos materiais empíricos. A partir dos elementos produzidos no campo, foram construídas categorias de análise, sendo “trajetória e formação” as que abordamos nesse artigo.

Resultados e discussão

1. “*Nasci e cresci no sítio, desde cedo trabalhei com coisas na roça*”: trajetórias de vida e de trabalho de coletores de lixo domiciliar

As trajetórias de vida e de trabalho dos coletores de lixo domiciliar que entrevistamos nesse estudo guardam muitas semelhanças. Os relatos mostram que é no contexto social de origem, nas dificuldades vividas no campo, no trabalho pesado e mal remunerado, sem as

garantias contratuais do trabalho assalariado que encontramos as razões para uma representação positiva do trabalho como coletor, não obstante as dificuldades que enfrentam.

Semelhante aos dados dos estudos de Pataro e Fernandes (2014) e Smidt e Vendruscolo (2006), a maioria dos coletores vem da zona rural onde tiveram uma vida de grande privação material. Por serem, em sua maioria, membros de famílias numerosas e precisarem, por conta disso, lutar pela sobrevivência de todos, foram, ainda em idade infantil, convocados a participar da luta pela sobrevivência familiar, o que os levou, inclusive, a colocar em segundo plano os estudos. Os trechos de depoimentos adiante dão conta disso: “Nasci e cresci no sítio, desde cedo trabalhei com coisas na roça” (Participante 1, 26 anos, ensino fundamental incompleto); “Eu sou do sítio, visse, assim, comecei a trabalhar novo no sítio, comecei a trabalhar com 7 anos” (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo); “[...] desde os meus 8 anos de idade que eu trabalho, eu morava no sítio aí tinha que ajudar em casa, eu com 8 anos já tinha minhas tarefas” (Participante 7, 28 anos, ensino fundamental incompleto); “Comecei com uns 8 anos e trabalhei na roça até uns 16” (Participante 8, 25 anos, ensino fundamental incompleto); “Eu comecei fazendo bico, quando eu comecei eu era menor de idade, eu era menor ainda, eu acho que eu uns... comecei ainda de menor [...] Trabalhei muito pra ajudar meus pais quando eu era pequenininho, ajudei a eles demais” (Participante 13, 34 anos, alfabetizado). No depoimento a seguir, uma história que é comum entre os coletores.

Porque quando a gente mora no sítio aí o pai da gente não lhe bota logo pra fazer serviço pesado, mas começa ensinando a você a tomar conta de animal, buscar água, buscar lenha, é buscar água pra casa, aí depois que você vai crescendo você vai aprender fazer lerão, camar terra, brocar mato, arrancar toco, fazer cerca e mais um bocado de coisa, aí quando eu fiquei de maior foi que vim pra cidade pra trabalhar (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo).

Como revelaram os estudos de Pataro e Fernandes (2014) e Vasconcelos, Lima, Camarotto, Abreu e Coutinho Filho (2008) os coletores experimentaram outros trabalhos antes do atual, em geral ligados ao campo, e que, em princípio, eram considerados como suporte à sobrevivência familiar. Trabalhavam em atividades de suporte e conforme a idade avançava eram deslocados para atividades mais custosas. Quando se trataram de serviços prestados a outros, a remuneração era condicionada ao serviço a ser prestado e em geral remunerado bem abaixo do que se poderia considerar razoável, capaz de suprir as necessidades básicas, além do fato das relações de trabalho não estarem pautadas por um contrato de compra e venda da força de trabalho. As falas a seguir confirmam essa realidade: “Eu era tratador de animais [...] De cavalos, aí essa oportunidade apareceu” (Participante 1, 26 anos, ensino fundamental incompleto); “Eu trabalhava com gado, esses negócios de curral pra tomar conta de gado, aí eu arrumei esse serviço através do encarregado” (Participante 2, 39 anos, ensino fundamental incompleto); “Nas antigas, eu era agricultor, aí depois fui trabalhar no lixão [...] No lixão eu catava, era catador de materiais recicláveis” (Participante 3, 51 anos, Analfabeto); “Vim pra cá trabalhar aqui, mas antes passei um tempo também trabalhando clandestino” (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo) “Olha eu trabalhava na sucata, com peso, mas antes disso eu trabalhava no lixão, é que eu fui criado no lixão” (Participante 12, 31 anos, alfabetizado). Com base nessa realidade, é possível perceber o quanto a renda deles era incerta. Foi apenas quando se tornaram coletores que essa realidade mudou, já que passaram a receber um salário fixo e a ter sua carteira de trabalho assinada. Por essa razão, atribuem uma conotação positiva ao próprio trabalho, já que o salário fixo que recebem, somando ao salário indireto, possibilitam alguma estabilidade financeira, comparativamente a situação que viviam outrora.

Ao se tornarem adultos, constituíram suas famílias e assim as responsabilidades aumentaram. Em função disso, cresceu a pressão por um trabalho com salário regular e registro na carteira de trabalho. A construção civil é, geralmente, o setor que absorve grande parte dessa mão de obra originária do campo, em geral sem a qualificação exigida para grande parte das ocupações urbanas. Os depoimentos a seguir ilustram essa situação. [...] “fui trabalhar na construção” (Participante 3, 51 anos, Analfabeto); [...] “trabalhei numa empresa X, depois trabalhei na construtora Y aí voltei novamente pra Empresa X, aí trabalhei na Z e vim pra cá trabalhar aqui. Foi o que fiz até hoje, de 7 pra 30, faz 23 que trabalho” (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo); “Eu já fui servente de pedreiro, pintor, marceneiro, só que de 8 anos pra cá aí eu comecei me dedicar a correr atrás de emprego na prefeitura, Tá entendendo? (Participante 5, 31 anos, Alfabetizado); “Eu já trabalhei de um bocado de coisa, já trabalhei de servente de pedreiro, de tudo eu já trabalhei já, de tudo eu já trabalhei um pouco, de tudo” (Participante 6, 34 anos, ensino fundamental incompleto); “Só foi em granjas mesmo e depois vim pra cá” (Participante 8, 25 anos, ensino fundamental incompleto). Como é possível perceber, o percurso na construção é marcado pela transitoriedade (o tempo que dura uma obra), por uma sucessão de tempos de emprego/trabalho e desemprego, uma condição que traz sérias dificuldades à sobrevivência das pessoas devido às instabilidades características dessa condição de trabalho.

Semelhante aos achados de Santos e Silva (2011), a maioria dos trabalhadores desse estudo se tornou coletor de lixo domiciliar não por opção, mas por necessidade, por estarem desempregados e não visualizarem outra forma de inserção no mercado de trabalho, como pode ser verificado nos relatos seguintes: “Quando eu vim trabalhar aqui, vim porque tava parado e não tinha outra opção” (Participante 1, 26 anos, ensino fundamental incompleto); “Eu não escolhi [...] mas fiquei parado, aí peguei, apareceu essa oportunidade pra cá aí eu vim para cá” (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo); “Pra falar a verdade eu não escolhi

esse trabalho não, hoje em dia a situação... as coisas 'tá' difícil hoje aí você... O que for pintando na sua frente aí você vai ter que enfrentar” (Participante 6, 34 anos, ensino fundamental incompleto); “Eu não escolhi, o que me ocasionou trabalhar aqui foi a precisão, foi a necessidade, no caso, porque no momento da crise se você ... o que aparecer pra você deve... pra mim era bem vindo e apareceu isso aqui, eu agarrei e tô até hoje” (Participante 7, 28 anos, ensino fundamental incompleto); “Não escolhi isso não” (Participante 9, 30 anos, ensino fundamental incompleto); “Eu não escolhi isso aqui” (Participante 10, 25 anos, ensino fundamental completo); “Eu também não escolhi esse trabalho não, eu entrei para trabalhar porque precisava, entrei me adaptei, eu hoje gosto” (Participante 13, 34 anos, alfabetizado).

Ainda que não tenham escolhido essa profissão, eles encontraram nela, além do vínculo empregatício, um salário fixo que, por mais que pareça irrisório aos olhos externos, para eles é o melhor que já receberam em sua vida profissional. Férias remuneradas, vale transporte, vale alimentação, entre outros, são fatores que, apesar de previstos na legislação, representam, comparativamente às situações anteriores de trabalho, um avanço. É por essa razão que, apesar dos riscos, eles se sentem satisfeitos nessa função. Isso pode ser verificado nos relatos a seguir: “pra falar a verdade não tenho nenhum motivo pra procurar outro não, depois que você se acostuma é igual a um serviço normal, além de você se acostumar e achar bom o serviço você não trabalha o dia todo” (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo); “Vai fazer 2 anos que eu estou nessa aí, graças a Deus eu tô caminhando aí pra o que eu desejo, que é ter um salário pra poder viver” (Participante 5, 31 anos, Alfabetizado).

Verificamos, portanto, que mesmo diante dos aspectos negativos que possam existir nesse trabalho, os coletores estabelecem uma relação significativa com ele e retiram dele alguma satisfação e prazer. O sentimento de orgulho por terem progredido na vida ao escapar da informalidade e obtido um emprego ‘mais seguro’, com um salário para se viver dele, é responsável pelo orgulho que sentem neste trabalho. Sair da informalidade e conseguir um

emprego nos moldes do que preconiza a legislação trabalhista são expressões de progresso profissional e fundamentais para que continuem no exercício dessa atividade de trabalho.

No tópico seguinte, exploramos o tema da formação profissional dos coletores. Esse é, sem dúvida, um aspecto essencial na questão da saúde e segurança. Se considerarmos que esta é uma atividade arriscada e que eles não recebem quase nenhum tipo de formação para adentrarem nesse universo de trabalho (Silva & Morraye, 2011; Smidt & Vendruscolo, 2006), temos então um problema a enfrentar. No presente estudo, a realidade encontrada não mostrou-se diferente do que revelaram outros estudos, a formação insuficiente e suas implicações na saúde dos coletores.

***2. “Pra trabalhar aqui a gente não faz nenhum curso, a gente chega aí, bota a farda, toma café e vai pra o trecho”*: uma atividade aprendida na prática**

Chamou-nos a atenção o fato de que, apesar de ser uma atividade de muitos riscos, com grande potencial de afetar negativamente a saúde dos trabalhadores, a inserção nesse universo profissional ocorre sem grandes exigências, especialmente no que tange a formação profissional, um aspecto que tem grande incidência na questão da saúde dos trabalhadores, porque constitui a oportunidade de ter acesso a técnicas mais seguras de trabalho e de debater temas tão necessários nessa atividade como o da segurança e da saúde dos trabalhadores. Os depoimentos dão conta de como essa questão vem sendo tratada na empresa pesquisada: “Não, não tenho nenhuma formação. [...] Não, aqui é só tentar mesmo, e se ‘guentar’ vai” (Participante 1, 26 anos, ensino fundamental incompleto); “Não, não, nunca fiz nada de curso, pra o que eu já trabalhei nunca precisou, essas coisas não [...] é só o conhecimento que tem mesmo, cursos eu nunca fiz nenhum não senhora” (Participante 3, 51 anos, Analfabeto). E reitera o trabalhador a seguir:

[...] “pra trabalhar aqui não fiz nenhum curso não, o que você faz quando entra é exames pra saber como tá sua saúde e se você vai dar conta, porque é pesado, aí você faz exame de respiração, bate raio x, faz exame de... essas coisas pra saber como é que você está, mas outra coisa não precisa não, o que tem que ter é só coragem e “guentar” o serviço, é isso, só isso” (Participante 4, 30 anos, ensino médio completo).

Vasconcelos et al. (2008) constataram que a atividade de coleta de lixo domiciliar não é um trabalho simples, como muitos o representam. O fato de ser um trabalho braçal e fisicamente exigente não o isenta de ser também complexo, uma vez que, para trabalhar, os coletores precisam constantemente desenvolver estratégias para se adaptar às múltiplas variabilidades que enfrentam. Esse esforço de regulação permanente da carga de trabalho durante a jornada, ao longo de trechos quilométricos percorridos de segunda a sábado, é feito às cegas, sem uma instrução preliminar de como deve ser feito, dos cuidados que devem ser tomados.

Qualquer que seja o trabalho, ele vai sempre demandar do trabalhador respostas para os diferentes objetivos estabelecidos na tarefa. A atividade de coleta de lixo domiciliar não é diferente, pois de um lado estão as condições e exigências dos gestores e dos clientes, que anseiam por resultados positivos, e do outro, as exigências pessoais do próprio trabalhador para alcançar esses resultados esperados por todos e por ele mesmo. Neste sentido, para administrar tantas variáveis no trabalho é preciso no mínimo estar apto para saber como e por onde começar (Vasconcelos et al., 2008).

Por conseguinte, para que tais resultados sejam alcançados, com qualidade e com o mínimo de efeitos nefastos sobre saúde dos coletores, é preciso que eles saibam como realizar o seu trabalho da forma mais correta e segura. Nesse sentido, uma formação profissional sintonizada com as demandas do trabalho real, conforme defendemos nas referências teóricas,

constitui um recurso fundamental para os trabalhadores. Neste estudo, ao serem indagados sobre a formação que tiveram para atuarem como coletores, de maneira unânime eles relataram que não passaram por formação nenhuma e que aprenderam a trabalhar observando os trabalhadores veteranos, como veremos a seguir [...] “antes de trabalhar aqui, trabalhei na agricultura e nem lá nem cá exige nada de curso ou treinamento, a gente aprende olhando o outro pra fazer igual” (Participante 2, 39 anos, ensino fundamental incompleto); “Não tenho formação nenhuma, estudei pouco e sempre trabalhei em trabalhos braçais, no pesado mesmo, não tenho nenhuma formação, nem pra essa atividade e nem para as outras que já trabalhei” (Participante 8, 25 anos, ensino fundamental incompleto).

As consequências da ausência de formação podem revelar-se por meio de desgaste físico e mental, erros recorrentes, incidentes variados e até em acidentes de trabalho. Portanto, é um equívoco pensar que sem as condições adequadas, as ações podem acontecer em segurança e sem resvalar sobre a saúde do trabalhador (Nepomuceno et al., 2017).

Percebemos que a formação que predomina é aquela sustentada na aprendizagem das práticas de trabalho dos coletores mais antigos, bem como na aprendizagem que se dá por meio de tentativas e erros. Apesar desse tipo de formação ser insuficiente, ele ocorre, nesse caso de forma exclusiva, e é um meio importante de formação, sobretudo porque é o momento de apropriar-se do legado dos mais antigos em termos de técnicas eficientes de trabalho e de aprender também com o enfrentamento dos imprevistos, uma vez que é improvável que alguma atividade de trabalho possa ser feita em circunstâncias estáveis e/ou ideais, visto que a realidade é sempre muito diferente e incessantemente marcada por instabilidades, cujo gerenciamento exige muito mais do que consta nas prescrições (Costa & Silva, 2010).

Entretanto, essas virtudes da aprendizagem na prática não são suficientes, já que necessitam de momentos de retorno de experiência, onde as lições do enfrentamento de situações inusitadas poderiam ser generalizadas para as práticas de trabalho.

Na atividade de coleta de lixo, a produção das práticas de trabalho acontece sem um olhar atento de outros profissionais, cujos saberes poderiam contribuir na testagem dessas práticas, avaliando-as sob a base de critérios como eficiência, segurança, saúde. Portanto, faz-se necessária a participação de mais profissionais, no intuito de reunir estas regras de trabalho e legitimá-las para que elas possam ser formalizadas e contribuir de fato para a formação de novos trabalhadores e também dos mais antigos, tendo em vista o redirecionamento de práticas incorretas. A situação que encontramos entre os coletores entrevistados, portanto, não se configura como uma situação favorável, porque despreza um item importante para a conquista de práticas de trabalho mais seguras e eficientes. Uma vez que eles não tiveram formação alguma e aprenderam com os infortúnios reais que pulverizam esta atividade. Portanto, mesmo sendo uma atividade considerada insalubre em grau máximo (Brasil, 2014; Smidt & Vendruscolo, 2006), a empresa responsável pelo serviço, não capacita os coletores, como mostram os relatos a seguir:

[...] Eles lhe jogam no emprego, aí se tu aguentar, se tu se garantir naquela obrigação ali tu vai fazer o teu meio, o teu melhor pra chegar onde tu quer. Agora pela empresa eles não dão, como é que se diz, aquele teste, como é que chama um curso, eles não dão um curso não, isso aí é coisa que eles não dão não. A gente aprende coletando, exatamente, na prática, na prática mesmo” (Participante 5, 31 anos, Alfabetizado)

“E esse serviço aqui aprende somente praticando no dia a dia. Você chega é o dia a dia quem lhe ensina, você vai desenrolando, se entrosando com o serviço, e de acordo com a prática você vai aprendendo. A gente observa também os outros, aí os novatos quando chegam têm um pouco de dificuldade, não é como a gente, até em pegar as sacolas de lixo não é como a gente veterano, eles se enrolam, se enrolam muito, a gente não, por ter a prática num instantezinho a gente pega tudo, os novatos eles se

enrolam mesmo, com 5 sacolas eles já não consegue pegar mais nada, os veteranos pegam o dobro disso ou até mais. [...] Então pra aprender uns novatos observam, outros não, mas os que não observam só ‘faz sofrer’ ” (Participante 6, 34 anos, ensino fundamental incompleto).

Sendo assim, para que as regras geradas no curso da atividade sejam legitimadas e contribuam restringindo os efeitos negativos à saúde e à produtividade, é necessário que eles sejam capacitados. Assim, as regras de trabalho criadas podem se tornar objeto de debate junto aos pares, hierarquia e outros profissionais no sentido de aperfeiçoar e instituir tais regras. Neste sentido, uma prevenção eficiente não deve prescindir dos saberes que se edificam na organização do cotidiano real de trabalho e na interação dos trabalhadores (Ré, 2006; Vasconcelos et al., 2010). Defende-se, portanto, no que tange a formação, um diálogo permanente entre os saberes científicos, responsáveis pela construção da prescrição, e os saberes práticos, de tal modo que esse espaço público de debate concorra tanto para a consolidação de determinadas práticas de trabalho quanto para a geração de novas diretrizes para o trabalho.

Lacomblez e Teiger (2007) esclarecem que, no intuito de colaborar para o sucesso da implementação de regras que subsidiem a ação de trabalhadores, precisa-se que os processos formativos sejam estruturados de tal modo que no seio deles as regras possam ser discutidas e enquadradas nos seus respectivos contextos e atividades de trabalho. A elaboração e estruturação desses processos requerem certo distanciamento dos modelos de formação mais tradicionais, basicamente prescritivos e pautados na educação unilateral (que ignora toda a bagagem da experiência que os trabalhadores carregam consigo), isto porque o ponto de partida para a formação profissional devem ser as condições reais de exercício da atividade de trabalho e a experiência profissional dos trabalhadores.

No caso da atividade de coleta, os coletores estudados partem dos saberes adquiridos no dia a dia, difunde-os no seio do coletivo de trabalho, compartilham e ensinam aos coletores recém-chegados, porém sem a participação fundamental da hierarquia que permitiria a formalização desses saberes. Neste sentido, todo o empenho desses trabalhadores, que poderia reverter em regras de trabalho válidas e assim constituir um estoque de saberes para uso coletivo, não consegue realizar tal objetivo. Para implementar normas mais ajustadas, do ponto de vista da saúde no trabalho, é necessário que existam instâncias responsáveis pela formalização do projeto de formação profissional contínua, alicerçada na análise do trabalho, e que tenha no seu horizonte a transformação das condições e organização do trabalho. Dessa maneira, seria ofertada uma formação pautada na discussão e compreensão da atividade de coleta de lixo domiciliar, considerando seus riscos em termos potenciais de agressão à saúde dos coletores (Costa & Silva, 2010).

Por fim, entendemos a necessidade de uma formação para esses trabalhadores, iluminada pela Ergonomia da Atividade, especialmente por meio das contribuições do paradigma que apresenta a formação pautada em uma análise do trabalho, com vistas a transformações positivas das condições de trabalho para os trabalhadores que, melhores instruídos na/para a prática, poderão adquirir conhecimentos capazes de transformar, arrefecer e reduzir as fontes potencialmente comprometedoras de sua saúde. Santos (2008), Souza (2009), Velloso et al. (1998) e Velloso et al. (1997) são alguns dos estudos que mostram que a reivindicação da necessidade de formação e/ou treinamentos para esta categoria é recorrente e constitui uma pauta sempre atual e permanente.

Considerações Finais

Não há dúvidas sobre a relevância do serviço de coleta de lixo domiciliar. Dentre os muitos benefícios, podemos destacar a preservação do meio ambiente, o embelezamento das

vias públicas e, sobretudo, a saúde da população. No entanto, esta importância não se traduz em ações efetivas no que diz respeito à segurança e à saúde dos coletores, que são os principais responsáveis por este serviço com tantos benefícios à população.

A princípio, uma fiscalização periódica e efetiva na empresa prestadora desse serviço pelos órgãos oficiais existentes e adequados para isso, requisitando, sobremaneira, a disponibilização de recursos para projetos formativos e uma maior implicação da instituição com a formação dos coletores é imperativa pois é preciso que existam responsáveis no sentido de conceber meios que colaborem para a promoção de saúde dos coletores já marcados por uma trajetória penosa de trabalho. Intervenções neste sentido podem constituir caminhos válidos e importantes.

Por conseguinte, caberia à empresa sensibilizar-se e empenhar-se na implementação de um projeto formativo que conte com a participação de profissionais capacitados para tal, visando assim uma formação abrangente, em que todos, incluindo os coletores, possam participar ativamente da sua concepção ou reconcepção e sucessiva implementação, sendo os sujeitos fatores essenciais na regulamentação de saberes e ações de segurança e saúde para esta atividade.

Para mediar esta formação, faz-se necessário também a contratação de profissionais, a exemplo de um ergonomista para atuar diretamente no setor de coleta para apreender a realidade enfrentada pelos coletores. Enquanto profissional, o ergonomista pode, embasado nos seus conhecimentos, atribuições e competências legais, auxiliar na construção de saberes junto aos coletores, reorientar e/ou mesmo enriquecer certas técnicas dos coletores, ajudando-os a traduzir em práticas alinhadas e condizentes com uma maior segurança

Todavia é impossível que se prescindia de uma análise meticulosa da atividade de coleta, considerando o protagonismo dos coletores, assim como o estabelecimento de uma relação horizontal entre eles e os demais envolvidos no processo formativo e contínuo com

vistas às ações salutares. Para tanto, é preciso que os formadores abdicuem do lugar central de transmissor de conhecimentos e que tomem para si a função de mediadores e mobilizadores de análises do conhecimento sobre a atividade de trabalho explorada.

Referências

- Brasil. (2002). Código Brasileiro de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. >acesso em 11 de maio de 2017.
- Brasil. (2014). Ministério do Trabalho e Emprego. NR-1 – Disposições gerais. *Manual de Legislação*, São Paulo: Atlas, 73ª Edição.
- Castel, R. (1998). As metamorfoses do trabalho. In: *Globalização: o fato e o mito* (J. L. Fiori; M. S. Lourenço; J. C. Noronha, orgs.), pp. 147-163. Rio de Janeiro: Ed UERJ
- Castel, R. (1995) *Crise nas proteções sociais*. Entrevista concedida a Jane A. Russo e Maria da G. R. da Silva. Folha de São Paulo. Caderno Mais.
- Coelho, M., M. (2012) *Condições de trabalho e saúde ocupacional dos trabalhadores da limpeza urbana*. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- Costa, C., & Silva, c. (2010). Análise do trabalho, formação contextualizada e ação de transformação das condições de trabalho no sector de saneamento de um serviço municipal. *Laboreal*, 6 (2) pp. 27-46.
- Diogo, M. F. (2007). Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação. *Psicologia em estudo*. 12 (3) pp. 483-92.

- Falzon, P., & Teiger, C. (2001). Ergonomia e formação, In: Carré, P.; Caspar, P. (Dir.). *Tratado das ciências e das técnicas da formação*. Lisboa: Instituto Piaget. pp. 161-178.
- Lacomblez, M., & Vasconcelos, R. (2009). Análise ergonômica da atividade, formação e transformação do trabalho: opções para um desenvolvimento durável. *Laboreal*, 5 (1) pp. 53-60.
- Lacomblez, M., & Teiger, C. (2007). Ergonomia, formações e transformações. In P. Falzon (ed.), *Ergonomia*. São Paulo: Blucher. pp. 587-601
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. UFMG/ArtMed,
- Nepomuceno, V., Alvarez, D., Araújo, F., & Figueiredo, M. (2017). *Ergonomia e formação nos locais de trabalho: um encontro possível?* *Ação Ergonômica*, 12 (2) pp. 70-78.
- Pataro, S. M. S., & Fernandes, R. de C. P. (2014) Trabalho físico pesado e dor lombar: a realidade na limpeza urbana. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17 (30) Jan-Mar.
- Pinho, L. M., de & Neves, E. B. (2010). Acidentes de trabalho em uma empresa de coleta de lixo urbano. *Caderno de Saúde Coletiva*, 18 (2) p. 243-251, Rio de Janeiro.
- Ré, A. (2006). Apprendre des erreurs, apprendre du quotidien: deux approches actuelles pour une analyse collective de l'activité. *Education Permanente*, nº 166, 49-57.
- Santos, I. V. de A. (2008). Estudo dos riscos de acidentes de trabalho em coletores de lixo. *Fórum Ambiental da Alta Paulista*, Volume IV.
- Santos, G. O., & Silva, L, F. F. (2011). Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(8), 3413-3419.

- Santos, M. C., de O., Lima, F. de P. A., Murta, E. P., & Motta, G. M. V. (2009). Desregulamentação do trabalho e desregulação da atividade: o caso da terceirização da limpeza urbana e o trabalho dos garis. *Production*, 19 (1), 202-213.
- Silva, L. de A. M., & Morraye, M. de A. (2011). Os riscos e acidentes sofridos pelos coletores de resíduos sólidos do município de Patos de Minas/MG enquanto desafios para promoção de Saúde. *Revista Epistheme*, 1 (1) MG.
- Smidt, L. H., & Vendruscolo, G. B. B.(2006). Exposição dos coletores de lixo domiciliar a riscos ambientais de um município da região das Missões/RS. *Trabalho apresentado no fórum internacional integrado de cidadania*, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – Campus Santo Ângelo/RS.
- Souza, D. de O. (2009). A sistematização da assistência de enfermagem (SAE) aos profissionais da coleta de lixo urbano. *Trabalho apresentado no 61º congresso brasileiro de enfermagem*, Fortaleza.
- Vasconcelos, R., Duarte, S., D., & Moreira, V. (2010). Projeto Matriosca: Análise do trabalho, formação e ação participativa para a prevenção de acidentes. *Proceedings of International Symposium on Occupation Safety and Hygiene 11-12 Feb. Guimarães: Portuguese Society Of Occupational Safety and Hygiene*, pp. 542-546.
- Vasconcelos, R. C., Lima, F. de P. A.s., Camarotto, J. A., Abreu, A. C. M. da S., & Coutinho Filho, A. O. S. (2008). Aspectos da complexidade do trabalho de coletores de lixo domiciliar: a gestão da variabilidade do trabalho na rua. *Gestão & Produção*, 15 (2), 407-419. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2008000200015>
- Velloso, M. P., Valadares, J. de C., & Santos, E. M. dos. (1998). A coleta de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do

trabalhador. *Ciência & Saúde Coletiva*, 3 (2), 143-150. doi: 10.1590/S1413-81231998000200013

Velloso, M. P., Santos, E. M. dos & Anjos, L. A., dos. (1997). Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 13 (4): 693-700 out-dez.

**ARTIGO 2 - “Aqui tem que ter atividade mesmo, nesse trabalho tem que ser ligado”:
riscos, implicações e estratégias de defesa para a saúde de coletores de lixo domiciliar**

Resumo: Este artigo investiga os diferentes riscos, suas consequências para a saúde e as estratégias de defesa desenvolvidas pelos coletores de lixo domiciliar de uma cidade do nordeste brasileiro. Utilizamos como referencial teórico a Psicodinâmica do Trabalho, especialmente a reflexão sobre riscos, perigo e estratégias defensivas. Realizamos entrevistas semiestruturadas com 13 trabalhadores do sexo masculino. Para a análise dos dados, optamos pela análise de conteúdo temática. Evidenciou-se que a intensa exposição a diversos riscos traz consequências diversas à saúde desses trabalhadores e grande parte delas decorre das condições de trabalho e do acondicionamento inadequado do lixo por parte da população. A relação desses trabalhadores com os riscos é mediada pela utilização de estratégias defensivas que, apesar de atenuarem o sofrimento, pouco contribuem para transformar positivamente as situações de trabalho.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho; risco ocupacional; coletores de lixo domiciliar.

Abstract: This article investigates the different risks, their consequences for health and the defense strategies developed by the garbage collectors of a city in the northeast of Brazil to deal with this situation. We use as theoretical reference the Psychodynamics of Work, especially the reflection on risks, danger and defensive strategies. We conducted semistructured interviews with 13 male workers. For the analysis of the data, we opted for the analysis of thematic content. It has been shown that the intense exposure to various risks has different consequences for the health of these workers and a great part of them result from the poor working conditions and inadequate packaging of garbage by the population. The

relationship of these workers to the risks is mediated by the use of defensive strategies that although mitigate suffering, do little to positively transform work situations.

Keywords: psychodynamics of work; occupational risk; collectors of household waste.

Resumen: Este artículo investiga los diferentes riesgos, sus consecuencias para la salud y las estrategias de defensa desarrolladas por los recolectores de basura domiciliar de una ciudad del nordeste brasileño para lidiar con esa situación. Utilizamos como referencial teórico la Psicodinámica del Trabajo, especialmente la reflexión sobre riesgos, peligro y estrategias defensivas. Realizamos entrevistas semiestructuradas con 13 trabajadores del sexo masculino. Para el análisis de los datos, optamos por el análisis de contenido temático. Se evidenció que la intensa exposición a diversos riesgos trae consecuencias diversas a la salud de estos trabajadores y gran parte de ellas derivan de las condiciones de trabajo y del acondicionamiento inadecuado de la basura por parte de la población. La relación de estos trabajadores con los riesgos es mediada por la utilización de estrategias defensivas que, a pesar de atenuar el sufrimiento, poco contribuyen a transformar positivamente las situaciones de trabajo.

Palabras-clave: psicodinámica del trabajo; riesgo ocupacional; colectores de basura domiciliar.

Introdução

Este artigo tem por objetivo caracterizar os riscos presentes na atividade de coleta de lixo domiciliar, suas implicações para a saúde e as estratégias de defesa elaboradas pelos coletores de uma cidade do nordeste brasileiro para lidar com essa condição de trabalho. A fundamentação teórica baseia-se na Psicodinâmica do Trabalho (PDT), abordagem que procura refletir, entre outras questões, o modo como os trabalhadores percebem e vivenciam

os riscos típicos de sua atividade de trabalho e o que fazem para deles se defenderem, objetiva e subjetivamente (Dejours, 2012).

Na cidade onde ocorreu a pesquisa, os profissionais de coleta de lixo urbano estão vinculados a um órgão da prefeitura municipal. Os garis, encarregados da varrição das ruas, poda das árvores, pinturas de meio-fio, dentre outras atividades, são contratados através de concurso público (regime efetivo) e os coletores de lixo, responsáveis pela coleta do lixo domiciliar, são contratados por empresas terceirizadas.

A atividade de coleta de lixo domiciliar, que focalizamos neste artigo, é essencial para o funcionamento adequado das cidades, onde a produção de lixo aumenta a cada dia. Além disso, ela está intrinsecamente vinculada à promoção de saúde pública, uma vez que a retirada do lixo impede a proliferação dos mais diversos tipos de males. Todavia, o objeto lixo, fonte de diversos riscos, pode, se não manipulado adequadamente, incidir negativamente sobre a saúde e a integridade física dos trabalhadores.

As condições de trabalho na coleta de lixo domiciliar são muito semelhantes entre as regiões brasileiras e se caracterizam basicamente pela falta de tecnologia adequada e por trabalhadores correndo atrás dos caminhões compactadores a recolher toneladas de lixo diariamente. Embora imprescindível, quase sempre é uma atividade desvalorizada, razão pela qual não atrai a atenção necessária no tocante à diminuição dos riscos e suas consequências sobre a saúde dos trabalhadores.

Vários estudos abordam os diferentes riscos dessa atividade e suas consequências para saúde dos trabalhadores (Anjos & Ferreira 2000; Lazzari, 2009; Santos, 2008; Souza, 2009). Entretanto, há nessas investigações um aspecto que não tem sido explorado suficientemente, a saber, a maneira como os trabalhadores vivenciam os riscos e as estratégias de defesa elaboradas para enfrentá-los, com vistas a atenuar o sofrimento que eles engendram, permitindo assim que consigam trabalhar.

Psicodinâmica do Trabalho e riscos no trabalho

Os riscos no trabalho, em maior ou menor grau, estão presentes nas múltiplas atividades laborais, de forma que trabalhar é sinônimo de embate e confronto com os riscos a todo instante (Dejours, 2012; Molinier, 2013; Nouroudine, 2004). Em relação à definição, Rouquayrol e Goldbaum (1999) consideram o risco ocupacional como a probabilidade de que aconteça determinado evento danoso à saúde, que pode manifestar seus efeitos a curto, médio ou longo prazo considerando as condições predisponentes do suposto acontecimento.

Os riscos não são integralmente administrados e alguns deles ainda nem reúnem condições para sê-lo. Algumas situações reais de trabalho consistem tão somente no enfrentamento de constrangimentos deletérios à saúde. Destarte, o medo de acidentar-se, de mutilar-se ou da doença profissional, de não corresponder ao que exige a tarefa ou suas responsabilidades, despertam verdadeiros conflitos intrapsíquicos. Tais impasses, comuns e intrínsecos à tarefa, resvalam diretamente sobre o corpo físico e sobre o funcionamento psíquico (Dejours, 2012).

Desta forma, ao trabalhar, a ação dos homens não se limita apenas à produção, pois enquanto trabalham, eles também se empenham na busca por proteção contra o sofrimento e os riscos presentes no trabalho. E assim o fazem principalmente por intermédio de estratégias de defesa, elaboradas no decurso do trabalho. Ainda que o sofrimento se revele singular, dessas estratégias participa todo o coletivo de trabalho que se empenha em modificar de maneira simbólica a postura subjetiva frente aos riscos para assim tornar possível o trabalhar (Dejours, 2011; 2012).

Molinier (2013) defende que as estratégias defensivas têm como finalidade intervir na percepção dos riscos, removendo-os da consciência. Entretanto, modificar a percepção não elimina o risco objetivo, desestabilizador em potencial. Tais estratégias voltam-se intencionalmente para a *construção de um universo simbólico comum* e adquirem consistência

na medida em que são organizadas de acordo com crenças, condutas e atitudes. O objetivo é reduzir ao máximo possível as implicações derivadas da percepção da realidade geradora de angústia. Neste sentido, nega-se a realidade para insensibilizar-se diante do sofrimento produzido por ela.

Dejours (2017) destaca que essas estratégias, além de elaboradas pelo coletivo, colaboram de modo essencial e até mesmo contribuem para fundar e estabelecer o *coletivo de trabalho*. É por partilharem desse entendimento e de determinadas condutas frente ao risco e ao perigo que é possível reconhecer-se enquanto membros de um coletivo e estabelecer relações assentadas na solidariedade e na confiança. É um sistema complexo de defesas, cujo papel é o de conter o medo, possibilitando a realização da atividade. Todos devem adotá-las, do veterano ao novato, caso contrário, compromete a eficácia da estratégia defensiva.

Riscos na atividade de coleta de lixo domiciliar e repercussões para saúde dos trabalhadores

A atividade de coleta de lixo domiciliar é marcada pela presença de uma variedade de riscos, que podem gerar graves problemas para a saúde dos trabalhadores. Normalmente, os riscos estão categorizados em seis grupos, quais sejam: físicos; químicos; biológicos; ergonômicos; mecânicos e sociais, cada um podendo ocasionar determinadas consequências negativas para a saúde física e psíquica do trabalhador (Anjos & Ferreira, 2000; Lazzari, 2009; Pedrosa, Gomes, Mafra, Albuquerque & Pelentir, 2010).

Os riscos físicos são decorrentes de máquinas, equipamentos, condições físicas e características do local de trabalho. Compreendem ruídos, vibrações, calor, frio, umidade, radiações ionizantes e não-ionizantes. Suas principais consequências são cansaço, irritação, dores de cabeça, diminuição da audição, aumento da pressão arterial, problemas no aparelho digestivo, taquicardia, risco de infarto, dores nos membros e coluna, doença do movimento,

artrite, problemas digestivos, lesões ósseas e dos tecidos moles, aumento de pulsação, prostração e choque e fadiga térmicos, perturbações das funções digestivas, hipertensão, fenômenos vasculares periféricos, doenças do aparelho respiratório e queimaduras, doenças do aparelho respiratório, circulatório e de pele, quedas, alterações celulares, câncer, fadiga, problemas visuais, lesões nos olhos, pele e órgãos (Dos Santos, 2007; Santos, 2008; Smidt & Vendruscolo, 2006; Souza, 2009).

Os riscos químicos são derivados de compostos, substâncias ou produtos que penetram no organismo pela via respiratória e pele. Compreendem poeiras minerais, vegetais, alcalinas, fumos metálicos, névoa, gases e vapores. As principais implicações para a saúde são: a doença pulmonar obstrutiva crônica, enfisema pulmonar, intoxicação, irritação das vias aéreas superiores, dores de cabeça, náuseas, sonolência, convulsões, coma, morte, ação depressiva sobre o sistema nervoso, danos aos diversos órgãos, ao sistema formador do sangue (Dos Santos, 2007; Smidt & Vendruscolo, 2006; Souza, 2009)

Os riscos biológicos procedem de agentes capazes de causar doenças devido à contaminação. Abrangem: vírus, bactérias e protozoários que são fontes de doenças infectocontagiosas, como hepatite, cólera, amebíase, AIDS, tétano, etc.; fungos e bacilos, causadores de infecções variadas externas, como as dermatites, e internas, como as doenças pulmonares, além de parasitas desencadeadores de infecções cutâneas ou sistêmicas e contagiosas (Dos Santos, 2007; Lazzari & Reis, 2011; Santos, 2008; Smidt & Vendruscolo, 2006; Souza, 2009; Velloso, Santos & Anjos, 1997).

Os riscos ergonômicos derivam: do esforço físico decorrente do levantamento e transporte manual de cargas, de exigências de posturas inadequadas, que causam cansaço, dores musculares, fraquezas, hipertensão arterial, diabetes, úlcera, doenças nervosas, acidentes e problemas da coluna vertebral; de ritmos excessivos e do regime de trabalho em turnos e noturno, da monotonia e repetitividade, da jornada prolongada, do controle rígido de

produtividade que acarreta alterações do sono, da libido e da vida social, com reflexos na saúde e no comportamento, além de doenças nervosas, do aparelho digestivo (gastrite, úlcera, etc.), inclusive tensão, ansiedade, medo e comportamentos estereotipados (Dos Santos, 2007; Santos, 2008; Souza, 2009; Velloso et al., 1997).

Os riscos mecânicos compreendem quedas, atropelamentos, esmagamentos pelo compactador de lixo, fraturas etc. Um dos principais riscos advém do subir e descer do caminhão. É nesta atividade que podem acontecer quedas e batidas no estribo do veículo. O fato de estar constantemente em velocidade e o mau cheiro exalado pelo lixo que se encontra no compactador podem causar tonturas que levam a quedas. Os atropelamentos decorrem dos veículos que estão circulando nas ruas. Ademais, existe o risco de mordidas de animais soltos nas ruas (Dias, Matos, Braga, Magossi Diniz & Antonio, 2015; Santos, 2008; Velloso et al., 1997).

Os riscos sociais, por sua vez, decorrem da forma como o trabalho é organizado pelas empresas que, em função do regime de funcionamento em turnos alternados, pode afetar as relações sociais com a família e amigos, efeitos do descontrole no ciclo vigília-sono (Seligmann-Silva, 2011). A carga excessiva do trabalho, as jornadas longas, a falta de treinamento e de condições adequadas de trabalho também são fontes de riscos para os profissionais de coleta de lixo domiciliar (Dias et al., 2015; Lazzari, 2011; Santos, 2008).

Método

O presente estudo foi realizado entre fevereiro e maio de 2017 na empresa responsável pela coleta de lixo domiciliar de uma cidade de médio porte do Nordeste brasileiro. Obedeceu a um delineamento não experimental, de natureza qualitativa, de caráter descritivo e construído a partir de relatos dos profissionais de coleta de lixo domiciliar.

Participantes

Participaram deste estudo 13 coletores de lixo domiciliar, dos quais oito são trabalhadores diurnos e cinco são noturnos. Todos são do sexo masculino, com idades variando entre 25 a 51 anos ($M = 32$; $DP = 6,94$). A condição para participar do estudo foi determinada pelo interesse e disposição de cada profissional, que, voluntariamente, registrou sua assinatura em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalte-se que a participação dos mesmos levou em consideração os aspectos éticos envolvendo investigação sobre seres humanos, conforme resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo foi submetido e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa.

Instrumentos de coleta de dados

Para realização do presente estudo optamos por dois instrumentos, sendo o primeiro um questionário sociodemográfico e o segundo uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi construído a partir das categorias teóricas desta pesquisa. Procurou-se contemplar as seguintes temáticas: histórico profissional; a formação que tiveram para este trabalho; atividade de trabalho de coleta domiciliar, o que implicou investigar como é o dia de trabalho, que imprevistos ocorrem, que táticas desenvolvem, individual e coletivamente, para lidar com esses imprevistos; quais são as condições de trabalho a que estão submetidos os trabalhadores, a que riscos estão expostos e como lidam com eles; como se apresentam as relações intersubjetivas, com a hierarquia, com os pares e com os usuários do serviço; se se sentem ou não reconhecidos; o que os faz sofrer e sentir prazer no trabalho e, por fim, quais as implicações psíquicas e sociais associadas a essa atividade de trabalho.

Procedimento de coleta de dados

Primeiramente contactou-se a gerência da empresa para apresentação da proposta de estudo. A aceitação da mesma ocorreu sem entraves, que exigiu apenas o aval de um comitê de ética em pesquisa. Cumpridas tais exigências, ficou autorizado o início da pesquisa. Em seguida, a gerência intermediou o contato como encarregado em virtude de sua proximidade com os coletores. Este, por sua vez, favoreceu, de maneira substantiva, o elo entre a pesquisadora e os trabalhadores. Respeitando a dinâmica da empresa, em dia e horário previamente acordados, foi apresentada a proposta de estudo aos trabalhadores e feito o convite para participar. Diante da concordância dos presentes, foram agendados dia e hora para as entrevistas individuais, que aconteceram na empresa, sempre no final do expediente, para os trabalhadores diurnos, e antes dele, para os noturnos. Com o consentimento dos coletores, as treze entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Procedimento de análise de dados

O tratamento dos dados foi conduzido através da análise de conteúdo temática na perspectiva proposta por Laville e Dionne (1999). Para esses autores, o princípio da análise de conteúdo é marcado pela revelação da estrutura e dos elementos que compõem o conteúdo para então serem delineadas suas múltiplas características e extraídas sua significação, ou seja, trata-se de um esforço de compreensão dos significados da fala no seu contexto, a partir de inferências relativas ao seu conteúdo. A definição das categorias analíticas foi norteadas pelo modelo misto, embasadas no referencial teórico adotado e nos conhecimentos teórico-práticos dos pesquisadores. A partir dos elementos produzidos no campo, foram construídas oito categorias de análise, sendo “riscos” “condições de saúde” e “estratégias de defesa” as que são abordadas nesse artigo.

Resultados e Discussão

1. *“Risco nesse trabalho é o que não falta, tem de todo tipo, físico, químico, biológico, etc.”:* **riscos na atividade de coleta de lixo domiciliar e condições de saúde dos trabalhadores**

A existência dos riscos é própria de toda atividade de trabalho (Dejours, 1992). Portanto, falar de atividade pressupõe considerar a presença do risco, o que não significa ignorar as diferenças no tocante à quantidade e variedade de riscos e ao seu potencial de se transformar em acidentes e adoecimento entre as diferentes atividades de trabalho. De acordo com Nouroudine (2004), “a realização do trabalho, no sentido de atividade humana, pelo engajamento corporal, cognitivo e mental que ela supõe por parte dos atores, é de ponta a ponta atravessada pelo risco” (p.44). Diante da constatação da presença do risco em toda situação de trabalho (embora em graus variados), é preciso, então, além de identificá-los, entender como os trabalhadores (no caso em análise, os coletores de lixo) os percebem e vivenciam no seu dia a dia.

Não é sem razão que a atividade de coleta de lixo domiciliar é considerada insalubre em grau máximo (Smidt & Vendruscolo, 2006). No presente estudo, os coletores de lixo domiciliar reconheceram diferentes tipos de riscos a que estão expostos, pois, ao serem questionados sobre esse tema, todos destacaram a presença dos riscos de contaminação por agentes físicos e químicos, mas principalmente biológicos e de acidentes, já que são os mais rotineiros. Além destes, apontaram também riscos ergonômicos, mecânicos.

Boa parte dos riscos físicos decorre da própria natureza da atividade: um trabalho ininterrupto¹, que acontece forçosamente sob condições de sol ou chuva. O ambiente de trabalho é a rua, condição que deixa os coletores sujeitos às particularidades do meio, especialmente as oscilações climáticas. Durante a jornada de trabalho, estão expostos a altos

¹ É um trabalho dinâmico, com trechos e horários a serem cumpridos, e os carros coletores são os mesmos para a coleta diária e noturna. Assim, não é possível parar a coleta em decorrência de fatores físicos, porque senão compromete o turno seguinte.

índices de radiação solar, que podem acarretar desde queimaduras, rugas, manchas na pele, até câncer; o compressor do carro coletor, por sua vez, permanece ligado continuamente, emitindo ruídos que, com o passar do tempo, podem vir a acarretar algum tipo de problema auditivo. Sendo assim, ruídos, vibrações, radiações solares, calor, frio, umidade são características próprias dessa atividade de trabalho (Santos, 2008; Smidt & Vendruscolo, 2006; Souza, 2009).

Conforme ressalta Dejours (2012), os riscos não são controlados inteiramente e há, inclusive, aqueles que escapam de serem administrados, visto que a realidade do trabalho *de facto* não permite que seja diferente. Essas peculiaridades inerentes à atividade de coleta de lixo domiciliar e potencialmente danosas à saúde compreendem ruídos, vibrações, radiações solares, calor, frio e umidade, riscos sob os quais a possibilidade de controle é reduzida. Os efeitos negativos produzidos por essa realidade atingem diretamente o corpo, mas podem resvalar sobre o funcionamento psíquico dos coletores, como mostra a fala seguinte “essa quentura [...] que é quente demais e isso incomoda muito, irrita e estressa”. (Participante 8)

Percebe-se que os riscos químicos são potencializados pela ausência da coleta seletiva do lixo que, no caso brasileiro, está longe de ser generalizada. Comumente o lixo domiciliar contém restos químicos nocivos à saúde e o contato com essas substâncias pode ter efeitos deletérios para a saúde desses trabalhadores, tal como relatou um deles: “Dor de cabeça o cabra sente, por causa do cheiro forte do lixo, por causa da catinga do lixo [...] náuseas, aquela vontade de vomitar [...] as vezes nem fica no serviço por isso” (Participante 3). Embora os participantes do estudo não tenham dado muita ênfase às implicações dos riscos físicos e químicos, não é difícil constatar a sua presença e as possíveis implicações para a saúde deles (Santos, 2008, Smidt & Vendruscolo, 2006; Souza, 2009).

Dos riscos presentes na atividade de coleta de lixo domiciliar, os mais sentidos e declarados pelos trabalhadores neste estudo foram os riscos biológicos, seguidos dos riscos de

acidentes por objetos perfuro-cortantes e atropelamentos. Os coletores de lixo estão expostos ao contato inevitável com bactérias, vírus, fungos e outros micro-organismos presentes no lixo e que são detentores de grande poder de transmissibilidade (Lazzari & Reis, 2011). Assim, expôs um trabalhador: “Eu peguei uma bactéria nas duas mãos, fiquei seis meses pra ficar bom” (Participante 4). Essa fala ilustra a consciência do perigo decorrente do contato com lixo, cuja contaminação levou, nesse caso, cerca de seis meses até a cura.

Percebe-se o quanto é custoso para esses trabalhadores estar continuamente tomado pelo medo de se contaminar e de contrair alguma enfermidade em decorrência do manuseio cotidiano do lixo, como relatou um deles a seguir:

A gente enfrenta riscos de doenças sim, tem bactérias e a gente tem medo, pega uma bactéria, sai uns caroços aí, essa doença avança em cima de você e você nem sabe que tá com ela, é muito arriscado e ainda esse mau cheiro do carro. Esse mau cheiro do carro fica na gente, é muito arriscado pra gente que sempre acha no lixo vidro, seringas, injeção que podem estar contaminados e de vez em quando furam a gente. (Participante 9)

Para proteger-se desse tipo de riscos é preciso apelar para o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), especialmente quando a situação de trabalho não possibilita ainda o uso de Equipamentos de Proteção Coletiva (EPC), solução desejável do ponto de vista da segurança e da saúde no trabalho. No caso em análise, o que constatamos é que os EPI's não cumprem o seu papel de proteção pelas razões expostas a seguir por alguns participantes: “as luvas que são de pano e a farda que é de um tecido quente não são lá essas coisas não” (Participante 10); “pessoal aí só usa de pano aí é mesmo que nada [...] quando tá chovendo é muito fácil de pagar bactéria.” (Participante 3)

É alto o risco de contaminação ocasionado por objetos perfuro-cortantes, como vidros, seringas, restos de cerâmicas, espinhos de plantas, latas e pregos enferrujados, dentre outros. Tais objetos são capazes de perfurar ou mesmo romper as luvas utilizadas pelos coletores e são responsáveis por lesionar a pele, ocasionando a entrada de patógenos presentes no lixo na corrente sanguínea, como relatado a seguir.

Ah vírus, ah! já vi muitos com a pele necrosada porque pega essas coisas aí, já vi colegas meus que adquiriram bactérias e que temos certeza que foi do lixo também, e foram bactérias pesadas e grande viu, de pegar assim na pele e quando elas pegam na pele elas não ficam só no pedacinho não, sabe, ela sai comendo, sai comendo tudo.

(Participante 5)

Outras maneiras de contaminação foram detectadas na pesquisa. O município onde ocorreu esse estudo passava por uma crise hídrica, com a água quase sempre considerada imprópria para o consumo humano. Em dias mais quentes, a água que os coletores transportam para consumo próprio não é suficiente, o que faz com que recorram aos moradores, que, em muitos casos, fornecem uma água imprópria, responsável por desarranjos intestinais, como relata a seguir um participante da pesquisa: “realmente quase todo mundo teve diarreia aqui, mas a gente achou que o motivo era a água sabe, porque aí no meio da rua a gente toma todo tipo de água” (Participante 11). Mas essa não é a única causa dos desarranjos intestinais, como afirma outro trabalhador: “sempre temos diarreias porque não tem como ter um controle assim, a gente pega em muitas seboseiras e leva as mãos à boca” (Participante 8).

Dejours (2012) adverte que quando a atividade de trabalho envolve riscos que ameaçam a integridade física dos trabalhadores, seja por trabalhar em ambientes insalubres ou manipular substâncias capazes de provocar um desfecho fatídico, o medo do acidente, da

mutilação e da doença profissional acende conflitos intrapsíquicos. Na fala seguinte, o trabalhador exprime o desconforto por ter contraído uma bactéria no trabalho, o constrangimento de já não escutar direito e o medo de perder inteiramente a audição.

Uma bactéria que pegou aqui na audição. É muito ruim por que as vezes inflama, as vezes dói, o médico falou pra mim que foi uma bactéria que eu peguei que tá per... tá comendo, roendo umas áreas que tem aqui, ela não é tal como dizem aí maligna, benigna ela é. Faz uns três anos. [...] já perdi muito de minha audição, posso ficar surdo por causa disso, você tá percebendo que já não lhe escuto direito, sei que você está falando muito alto, mesmo assim tenho dificuldade de escutar direito, por isso peço pra você sempre repetir. (Participante 9)

De acordo com Seligmann-Silva (2010) um trabalhador que sofre um acidente de trabalho perde, além de suas defesas psicológicas, o sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade profissional. A rejeição que esse trabalhador experimenta pode acarretar sérios riscos à saúde. Nessas circunstâncias, pode se manifestar desde depressão a outros transtornos mentais, podendo ser de fundo psíquico ou mesmo psicossomático.

Os coletores de lixo erguem e transportam cotidianamente sacos pesados de lixo. A má distribuição do peso por depósitos ou mesmo sacos e sacolas ocasiona desde pequenos incômodos até lesões como entorses, lombalgias, epicondilite, esporão de calcâneo, hérnia de disco e muitas outras (Campos, Rubinho & Pereira, 2016). O trabalhador que já se sente acometido por dores decorrentes da atividade de trabalho, convoca seus pares para assim dividir o esforço despendido no levantamento e transporte de peso, buscando minimizar o impacto negativo na saúde. O relato a seguir dá conta dessa situação:

Essas dores na coluna podem ser do trabalho porque a gente pega muitos sacos pesados, tem muito mais sacos pesado do que maneiro, tem de 25 e 30 kg às vezes é

mais porque tem que ser dois porque um só não aguenta pegar e todos os dias tem sacos pesados assim pra gente pegar. (Participante 10)

As dores musculares que sinto tão relacionado sim ao trabalho porque é um trabalho que você [...] se movimenta muito sabe, e principalmente as dores que você sente no joelho e no tornozelo, se você pula de cima do carro, é força, se você vai subir no carro, é força novamente, é um trabalho que é que abaixando por isso a gente sente muitas dores. (Participante 11)

A grande ocorrência de quedas, fraturas e escoriações é típica desse tipo de atividade, evidenciada neste e também em outros estudos. Tais fatores de risco, dentre outros, sinalizam para a necessidade de uma atenção especial à saúde desses trabalhadores (Pinho & Neves, 2010). Muitas vezes na tentativa de alcançar a velocidade imposta pelo motorista do caminhão, os coletores acabam correndo muito rápido e tropeçando nos obstáculos físicos, como relatam os trabalhadores a seguir: “Além desse corte, já sofri quedas, no trabalho, no decorrer do trabalho mesmo têm calçadas altas aí a gente tá sempre correndo quando vê a gente tem tropeçado e caído feio, fica todo arranhado” (Participante 7); “Eu mesmo eu já sofri um, aqui ó. Isso aqui é uma cicatriz de quatro pontos”. (Participante 5)

Mas esses não são os únicos fatores responsáveis pelas quedas, fraturas, arranhões e machucões sofridos pelos coletores de lixo. Atitudes indevidas da população, como jogar substâncias líquidas e gordurosas dentro do lixo também tem um papel desencadeante nesses tipos de acidentes. O derramamento de óleos, graxas e banhas no estribo do carro compactador proporciona uma superfície escorregadia capaz de fazer o trabalhador deslizar, cair e se ferir, como exposto a seguir.

Fica escorregadio porque ali você pega todo tipo de coisa. Às vezes, pega uma coisa com óleo e quando vai jogar lá no carro cai um pouco na plataforma ali e quando você vai subir às vezes tá escorregando e você cai termina se machucando, né? (Participante 11)

Os acidentes de trânsito como os atropelamentos fazem parte do cotidiano de quem trabalha nesta atividade (Santos 2008; Santos, Lima, Murta & Mota, 2009; Smidt & Vendruscolo, 2006; Vasconcelos, Lima, Camarotto, Abreu & Cotinho Filho, 2008). Dentre os diversos fatores de risco, alguns em especial reforçam e colaboram para a manutenção e aumento desses acontecimentos nefastos à saúde desses profissionais. Em ruas de mão dupla, os sacos ou reservatórios de lixo estão distribuídos e concentrados nos dois lados da rua de modo que os coletores precisam se arriscar entre os veículos para poder transportá-los até o carro compactador. Com a guarnição incompleta que força o aumento da velocidade do ritmo da atividade acrescido do desrespeito dos condutores de veículos motorizados, os riscos de colisão são ainda mais potencializados, o que pode provocar desde contusões, ferimentos graves, mutilação e até mesmo a morte desses profissionais, como relatado a seguir:

[...] É um trabalho perigoso mesmo, principalmente pra quem trabalha na contramão, eu mesmo sou um que trabalha na contramão, têm horas que eu pego o lixo assim e venho aí tem que parar, se não o carro que vem, é carro, é moto, é bicicleta. [...] no ano retrasado aconteceu comigo, o carro tava trabalhando com três agentes, a gente tava forçando pra dar conta, aí do jeito que eu vinha com os sacos de lixo na pressa, a moto aqui, ia torando eu no meio. (Participante 3)

Para inibir a ocorrência de situações que podem provocar acidentes graves, os coletores procuram redobrar a atenção no decorrer do trabalho, tomando para si a

responsabilidade de escaparem das surpresas do real. Assumem uma responsabilidade que, no mínimo, deveria ser compartilhada com a empresa. Apesar disso, são conscientes de que os esforços para cercar o risco são insuficientes. Não obstante, precisam ser muito cautelosos, para não serem responsabilizados, como ressaltam Velloso Valadares e Santos (1998). No entanto, essa atividade, ao mesmo tempo em que exige muita precaução, vigilância, porque os riscos são múltiplos, tem características que dificultam o exercício dessa atenção. Neste sentido, a correria, a pressão por produção, compromete negativamente a atenção desses trabalhadores, como relata o participante a seguir “a gente trabalha pra frente aí não tá constantemente olhando atrás, a gente até olha pra atrás, mas sempre vem um carro ou uma moto ligeiro [...] quem trabalha na contramão tem que prestar bastante atenção né”? (Participante 6)

“o que precisa mesmo é nós ter cuidado, olhar direitinho, mas o problema é que a gente passa muito rápido, pega os sacos ligeiro e não vai ter tempo de olhar, passa assim e pega o ‘moi’, se tiver 10 sacos nós pega os 10, ai não tem como pra olhar de um em um, aí acaba que nós sempre se machuca mesmo”. (Participante 2)

Para além de todo o esforço físico exigido, os trabalhadores também precisam permanecer constantemente atentos ao que ocorre ao seu redor. Desse modo, manter vigilância sobre tantos aspectos significa uma carga mental elevada e uma razão de cansaço. Assim, toda situação de trabalho vai gerar diferentes cargas para o sujeito e em graus variados. Deste modo, o trabalho nunca é apenas braçal, ele é também mental e tem repercussões para o trabalhador (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 2011).

2. “Ai como eu faço para me proteger? Cuidado, eu tomo sempre muito cuidado, um cuidado dobrado”: estratégias de defesa e proteção à saúde

Para sustentar-se psiquicamente diante dos constrangimentos e efeitos deletérios do trabalho, os trabalhadores lançam mão de estratégias defensivas cuja finalidade é eufemizar o sofrimento psíquico. Trata-se, portanto, de atenuar a percepção da realidade para que seja possível suportá-la. Via de regra, para conseguir este feito, é necessário que os trabalhadores sejam agentes ativos, implicados. Não obstante, essa é uma operação estritamente mental, não modifica em nada a realidade patologizante (Dejours et al., 2011).

Para defender-se do sofrimento e do adoecimento físico e/ou mental que vivenciam no trabalho, os trabalhadores comumente se utilizam de estratégias defensivas individuais e/ou coletivas. Todavia, sempre que as estratégias individuais se encontram esgotadas ou então já não se apresentam eficazes como meios de defesa contra a nocividade das situações insalubres e deletérias do trabalho, existe ainda a possibilidade de construir estratégias coletivas que, como já dá a entender, são organizadas e compartilhadas entre os participantes de um determinado meio profissional (Dejours, 1992; Dejours & Abdoucheli, 1994).

Como apontado anteriormente, nessa atividade, os coletores estão expostos a uma série de riscos, constrangimentos e vulnerabilidades que podem acarretar danos à saúde e ao bem-estar. Sendo assim, para fazer frente a essa situação e diminuir o máximo possível a possibilidade de ser alvo das adversidades próprias da atividade, eles se empenham em realizar cuidadosamente certas manobras a fim de resguardarem sua integridade, porém essa missão não é nada simples. A fala seguinte faz menção às dificuldades encontradas para preservar-se: “o certo é pegar nas orelhas da bolsa e não pegar na bolsa mesmo [...] mas só que tem muitas vezes que eles botam o lixo, aí fica estufada [...] não tem nem onde você pegar” (Participante 13). A mesma dificuldade é mencionada a seguir por outro participante:

Rapaz pra proteger, pra proteger mesmo só Jesus, porque têm horas que não dá para você ver não, e você só se protege mesmo quando você ver, porque eles botam nas bolsas aí fecha as bolsas pretas [...] aí o certo é pegar nas orelhas da bolsa e não pegar na bolsa mesmo não, porque evita muita coisa isso, mas só que tem muitas vezes que eles botam o lixo aí fica estufada assim a bolsa aí não tem nem onde você pegar, quando você pega assim nela pra tentar jogar ela escorrega aí você vai pegar de novo aí é onde você se fura muitas vezes. (Participante 4)

Essas estratégias são utilizadas pela maioria dos coletores que são conscientes que pegar as sacolas de lixo pelas alças (orelhas) é o recomendável, pois evita o contato direto com o lixo. Contudo, isso nem sempre é possível porque o excesso de lixo favorece o encolhimento delas, bem como dificulta o arremesso no carro de coleta. As sacolas de cores mais escuras também se revelam uma armadilha, pois não permitem que eles enxerguem o seu conteúdo. A fala não explícita, mas, muitas vezes, o peso acarreta o rompimento das alças e isto obriga o coletor a pegar diretamente nas sacolas e até mesmo no próprio lixo quando elas rasgam, tornando maior o risco de acidentes e de contaminação pelo contato direto.

A prática de uma higienização sistemática constituiu uma estratégia de enfrentamento para eliminação dos possíveis agentes transmissores de doenças que porventura tenham se alojado na farda ou mesmo no corpo do coletor durante a jornada de trabalho. Com esse cuidado, acreditam diminuir os problemas de pele como sarna, micoses, além de remover outros seres vivos indesejados como vermes, bactérias e vírus que podem penetrar no organismo por alguma porta de entrada e/ou mesmo quando levam as mãos à boca, causando danos, muitas vezes irreparáveis à saúde deles. A respeito disso, esclarece um participante “Pra me proteger é chegar em casa e tomar um banho bem tomado, passar uma bucha no

corpo, um sabão de coco, um sabão neutro, sabe, aí você vai se protegendo aos poucos” (Participante 5).

Por ser uma das principais vias de condução e transmissão de microrganismos em geral, as mãos precisam ser lavadas sempre que possível. Quando não, o uso do álcool em gel pode desinfetá-las, conforme esclarecem os coletores a seguir “eu sempre compro, quando eu faço minha feirinha, eu sempre coloco um tubinho de álcool em gel, aí quando eu vou almoçar ou comer alguma coisa eu limpo com ele e pronto” (Participante 1); “alguns aqui no trabalho usam o álcool em gel na hora que vai almoçar na hora que vão eles passam nas mãos” (Participante 5). Essa última fala, revela que alguns coletores têm esse cuidado, o que constitui certamente uma estratégia de prevenção com efeitos positivos. Não obstante, pode se revelar insuficiente frente a variedade e agressividade dos fatores de risco.

Com a experiência adquirida no trabalho, eles sabem que, diante de muito peso, precisam agir de modo a não comprometer ainda mais a coluna. Quando os sacos de lixo estão mais leves eles pegam somente na parte superior, mas se estiverem demasiadamente pesados, precisam pegar em cima e embaixo, como relatado na fala seguinte:

Porque a gente já conhece né o trecho, já sabe onde o lixo é pesado e não é, quando é muito pesado e a gente sabe, pesado assim que dá pra um pegar só, é pegar em cima e embaixo, você nunca pode pegar um lixo pesado e puxar com as duas mãos que vai travar sua coluna, disso a gente já sabe”. (Participante 4)

Embora essa estratégia possa representar uma quantidade menor de danos à coluna, ela atua favorecendo um contato maior entre trabalhador e o lixo, o que aumenta o risco de contágio pelas substâncias nele contidas.

Três coletores nunca adoeceram, acidentaram-se ou se contaminaram. Acreditam que isso não ocorreu porque são protegidos por Deus, que os envolve com uma segunda pele,

mais robusta e impermeável, que bloqueia a possibilidade dessas ocorrências, como relatado a seguir: “Graças a Deus eu nunca adoeci aqui não, eu tenho saúde sobrando, nunca tive nada, graças a Deus, nada” (Participante 2); “Graças a Deus até agora eu ainda não vi nem vivi nada grave, só se arranha, se arranha, mas bate a poeira e vamo embora de novo (risos) é o jeito” (Participante 11); “Nunca peguei nada disso não, de bactéria essas coisas, graças a Deus, também não me furei, mas cortes sim” (Participante 12). Seja efetiva ou não, essa justificativa para o não adoecimento representa uma operação psíquica que certamente auxilia na convivência com os riscos.

Apesar das estratégias desenvolvidas e praticadas pelos trabalhadores, é necessário realçar que elas não eliminam os riscos e muito menos modificam as situações reais de trabalho. Segundo Dejours e Abdoucheli (1994), as estratégias elaboradas frente a certas situações de trabalho, apesar de possuir um papel importante em razão de possibilitar a manutenção de um equilíbrio psíquico pela via da eufemização das situações causadoras de sofrimento, não transformam a realidade geradora de constrangimentos, apenas favorecem a adaptação do trabalhador ao sofrimento.

Considerações finais

Neste artigo, objetivamos evidenciar os riscos advindos da atividade de coleta de lixo domiciliar e suas consequências para a saúde, além das estratégias defensivas que os trabalhadores utilizam para lidar com o perigo e o medo inerente a essa situação de trabalho. Esta atividade é circundada por riscos diversos, assim como acontece com outras atividades semelhantes. Contudo, um fator que sobressai é a forma como os riscos são normalmente encarados.

Constata-se uma atenção insuficiente no gerenciamento dos riscos por parte da empresa, especialmente se considerarmos o volume e a variedade dos riscos presentes nessa

atividade de trabalho. Mesmo reconhecendo a dificuldade de extingui-los totalmente, faz-se necessário empenhar-se no sentido de gerenciá-los da melhor forma. A responsabilidade de conceber meios que colaborem para a minimização desses riscos caberia certamente às empresas, seja através da busca de EPC's ou de EPIs mais adequados, seja implementando um processo de gerenciamento dos riscos em que os trabalhadores pudessem participar ativamente da sua concepção e implementação, sendo sujeitos e não apenas objetos das ações de segurança e saúde no trabalho.

Por outro lado, caberia uma intervenção do poder público junto à população no tocante ao acondicionamento do lixo, como separar e identificar claramente os materiais infectantes, perfurantes e cortantes do lixo comum, isto porque o ciclo do lixo está apenas começando quando ocorre o descarte. Depois disso, seu recolhimento depende de outros atores sociais que dão vida a um mundo de trabalho indispensável, cuja segurança e atenção deveriam constituir uma prioridade.

Embora recorrendo às estratégias defensivas para eufemizar a percepção dos riscos no trabalho, seja a partir de iniciativas individuais e, especialmente coletivas, os coletores sabem que elas têm uma eficácia limitada, que a qualquer momento, frente a uma situação de acidente, por exemplo, elas podem desmoronar lançando-os numa situação de fragilidade ainda maior. Tal situação exige um empenho tanto por parte da empresa no sentido de mapear em profundidade os riscos na busca de tecnologias mais apropriadas para contê-los. Por outro lado, tais iniciativas devem se conjugar a melhorias nas condições de trabalho, especialmente no tocante à remuneração, suporte médico-odontológico-hospitalar, formação profissional, entre outras, que contribuam para tirar da invisibilidade essa categoria profissional tão importante para a sociedade.

O apelo à defesa se apresenta como um caminho natural para trabalhadores que se veem constantemente diante dos riscos e do perigo. Todavia, é preciso atentar para que este

uso não favoreça a acomodação, naturalização e transformação do que é nocivo à saúde em algo cotidiano e imutável. É também preciso mitigar o percurso que parece longo para que exista reconhecimento social, capaz de dar maior visibilidade e valorização à atividade de coleta de lixo e aos coletores.

Como vimos, os coletores, apesar dos problemas que enfrentam, procuram de diversas maneiras se proteger, evitar o adoecimento, o acidente, não obstante sejam conscientes de que tais esforços estejam em desequilíbrio com o volume e a variedade dos riscos. Em função disso, podem se tornar grandes parceiros na promoção da saúde e segurança no trabalho, se a vontade dos outros atores sociais, especialmente a empresa, se mostrar efetiva.

Referências

- Anjos, L. A., & Ferreira, J. A. (2000). A avaliação da carga fisiológica de trabalho na legislação brasileira deve ser revista! O caso da coleta de lixo domiciliar no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(3), 785-790. doi:10.1590/S0102-311X2000000300026.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (5ª ed.). (A. I. Paraguay e L. L. Ferreira, trads.). São Paulo: Cortez-Oboré.
- Dejours, C. (2011). Da psicopatologia á psicodinâmica do trabalho. In Lancman, S., Sznalwar, L. I. (Orgs). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. (3ª ed.). (F. Soudant, trad.) (pp. 57-123). Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo* (F. Soudant, trad.). Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2017). *Psicodinâmica do Trabalho: Casos Clínicos*. Porto Alegre: Dublinense.
- Dejours, C., & Gernet I. (2012). *Psychopathologie du travail*. Issy-les-Moulineaux: Editeur: Elsevier Mason.

- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (2011). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. (M. I. S. Betiol, coord. e trad) São Paulo: Atlas.
- Dias A. G., Diniz A. C., Antonio. L. S., Matos R. F., Braga D. L. C., & Magossi A. (2015). Riscos Ocupacionais em Atividade de Coleta de Resíduos Sólidos. *E & S - Engineering and Science*, 1(3), 3-17.
- Dos Santos, Z. (2007). Segurança no trabalho e no meio ambiente. Rio Grande do Sul: Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/~mittmann/NR-9_BLOG.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. UFMG/ArtMed,
- Lazzari, M. A., & Reis, C. B. (2011). Os coletores de lixo no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(8), 3437-3442. doi: 10.1590/S1413-81232011000900011.
- Mendes, A. M. (2007). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In A. M. Mendes (Ed.), *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas* (pp. 23-48). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Molinier, P. (2013). *Trabalho e psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, trans.). Brasília: Paralelo 15.
- Noureddine, A. (2004). Risco e atividade humana: Acerca da possível positividade aí presente. In M. Figueiredo, M. Athayde, J. Brito, & D. Alvarez (Orgs.), *Labirintos do trabalho: Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp. 37-62). Rio de Janeiro: DP & A.
- Pedrosa, F. P., Gomes, A. A., Mafra, A. S. Albuquerque, E. Z. R. & Pelentir, M. G. S. A. (2010) Segurança do trabalho dos profissionais da coleta de lixo na cidade de Boa

- Vista – RR. In XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção, São Carlos.
Anais do XXX ENEGEP 2010 – Maturidade e desafios da Engenharia de Produção:
competitividade das empresas, condições de trabalho e meio ambiente. Rio de Janeiro:
Editora da ABEPRO.
- Pinho, L. M., & Neves, E. B., (2010). Acidentes de trabalho em uma empresa de coleta de
lixo urbano. *Caderno de Saúde Coletiva*. 18(2), 243-251.
- Porto, M. F. P. (2000). Análise de riscos nos locais de trabalho: Conhecer para transformar.
Cadernos de saúde do trabalhador (pp. 5-41). São Paulo: Instituto Nacional de Saúde
do Trabalhador.
- Rouquayrol, M. Z., & Goldbaum, M. (1999). *Epidemiologia, história natural e prevenção de
doenças* (5ª ed). Rio de Janeiro: MEDSI.
- Santos, Z. (2007). *Segurança no trabalho e no meio ambiente*. Rio Grande do Sul: Instituto de
Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:
http://www.if.ufrgs.br/~mittmann/NR-9_BLOG.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.
- Santos, I. V. A. (2008). Estudo dos riscos de acidentes de trabalho em coletores de lixo. Em
ANAP – Associação amigos da natureza da Alta Paulista (Org.), *Trabalhos completos
do IV Fórum Ambiental da Alta Paulista* [CD]. São Paulo: ANAP.
- Santos, M. C. O., Lima, F. P. A., Murta, E. P., & Motta, G. M. V. (2009). Desregulamentação
do trabalho e desregulação da atividade: o caso da terceirização da limpeza urbana e o
trabalho dos garis. *Production*, 19 (1), 202-213. doi:10.1590/S0103-
65132009000100013
- Seligmann-Silva. (2010). *Acidentes de trabalho e a dimensão psíquica*. Fórum do
Trabalhador, São Paulo: Abril. Disponível em:
[https://pt.scribd.com/document/236733793/Acidentes-de-Trabalho-e-a-Dimensao-
Psiquica](https://pt.scribd.com/document/236733793/Acidentes-de-Trabalho-e-a-Dimensao-Psiquica)

- Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e desgaste mental: O direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez.
- Smidt, L. H. & Vendruscolo, G. B. B. (2006). *Exposição dos coletores de lixo domiciliar a riscos ambientais de um município da região das Missões/RS*. Trabalho apresentado no fórum internacional integrado de cidadania, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – Campus Santo Ângelo/RS.
- Souza, D. O. (2009). A sistematização da assistência de enfermagem (SAE) aos profissionais da coleta de lixo urbano. *Trabalho apresentado no 61º congresso brasileiro de enfermagem*, Fortaleza.
- Vasconcelos, R. C., Lima, F. P. A., Camarotto, J. A., Abreu, A. C. M. S., & Coutinho Filho, A. O. S. (2008). Aspectos da complexidade do trabalho de coletores de lixo domiciliar: a gestão da variabilidade do trabalho na rua. *Gestão & Produção*, 15(2), 407-419. doi: 10.1590/S0104-530X2008000200015
- Velloso, M. P., Santos, E. M., & Anjos, L. A. (1997). Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 13(4), 693 -700.

ARTIGO 3 - “Reconhecimento aqui até existe, mas vem de poucos”: as expressões do reconhecimento na atividade de coleta de lixo domiciliar

Resumo: Este artigo investiga o reconhecimento na atividade de coleta de lixo domiciliar e sua repercussão na saúde mental dos coletores de uma cidade de médio porte do nordeste brasileiro. Utilizamos como referencial teórico a Psicodinâmica do Trabalho, pela relevância que dedica à relação entre reconhecimento e saúde mental no trabalho. Realizamos entrevistas semiestruturadas com 13 trabalhadores. Para a análise dos dados, optamos pela análise de conteúdo temática na perspectiva de Laville e Dione. Evidenciou-se que esta atividade é marcada por um déficit de reconhecimento por parte da hierarquia (diretores, chefes, supervisores). Da parte dos usuários encontrou-se, de um lado, manifestações de gratidão pelo serviço essencial prestado pelos coletores e, de outro, reações constrangedoras e de discriminação. É sobretudo nos pares que se localiza a fonte maior de reconhecimento de seus esforços e dedicação e onde encontram um grande estímulo para desenvolver sua atividade com zelo e responsabilidade.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho; reconhecimento no trabalho; coletores de lixo domiciliar.

Abstract: This article investigates the manifestations of recognition in the household garbage collection activity and its repercussion for the mental health of the collectors of a medium-sized city in the Brazilian Northeast. We use as theoretical reference the Psychodynamics of Work, for the relevance that it dedicates to the relation between recognition and mental health in the work. We conducted semi-structured interviews with 13 workers. For the analysis of the data, we opted for the analysis of thematic content from the perspective of Laville and Dione. It was evidenced that this activity is marked by a deficiency of recognition on the part

of the hierarchy (directors, bosses, supervisors). On the part of the users, there was, on the one hand, expressions of gratitude for the essential service provided by the collectors and, on the other hand, embarrassing reactions and discrimination. Especially in couples it is located the biggest source of recognition of their efforts and dedication and where are a great stimulus to develop its activity with zeal and responsibility.

Keywords: psychodynamics of work; recognition at work; collectors of household waste.

Resumen: Este artículo investiga las manifestaciones del reconocimiento en la actividad de recolección de basura domiciliar y su repercusión para la salud mental de los colectores de una ciudad de mediano porte del nordeste brasileño. Utilizamos como referencial teórico la Psicodinámica del Trabajo, por la relevancia que dedica a la relación entre reconocimiento y salud mental en el trabajo. Realizamos entrevistas semiestructuradas con 13 trabajadores. Para el análisis de los datos, optamos por el análisis de contenido temático en la perspectiva de Laville y Dione. Se evidenció que esta actividad está marcada por un déficit de reconocimiento por parte de la jerarquía (directores, jefes, supervisores). De parte de los usuarios se encontró, por un lado, manifestaciones de gratitud por el servicio esencial prestado por los colectores y, por otro, reacciones vergonzosas y de discriminación. Es sobre todo en los pares que se ubica la fuente mayor de reconocimiento de sus esfuerzos y dedicación y donde encuentran un gran estímulo para desarrollar su actividad con celo y responsabilidad.

Palabras clave: psicodinámica del trabajo; reconocimiento em el trabajo; colectores de basura domiciliaria

Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir a questão do reconhecimento na atividade de coleta de lixo domiciliar e suas implicações na saúde mental dos coletores de lixo domiciliar.

Tal empreendimento pressupõe verificar como e em que medida o reconhecimento se manifesta, considerando as suas diferentes fontes (hierarquia - mediata, imediata; pares; usuários) e como esta realidade é vivenciada pelos trabalhadores. Quanto à abordagem teórica, utilizamos a Psicodinâmica do Trabalho, pelas suas contribuições originais ao debate sobre a relação entre reconhecimento no trabalho e saúde mental. Quando existe, o reconhecimento confere sentido ao sofrimento, configurando-se em fonte de saúde, de prazer e de criação no trabalho. No entanto, quando ele está ausente, o sofrimento perde o sentido, sendo vivido como absurdo, além de poder ter como corolário o adoecimento psíquico.

A realidade de trabalho é sempre marcada por imprevistos, que exigem do sujeito/trabalhador regulações, adequações. É o confronto com a diferença entre o prescrito e o real (sob a forma de desfuncionamentos, panes, instabilidades, etc.) a origem, em muitos casos, de um sentimento de fracasso (pela regulação mal sucedida), que ativa por sua vez, outros sentimentos como raiva, impotência, desânimo e, especialmente, uma paralisia momentânea do trabalhador. Dejours (2012) inclusive, chega a afirmar, em função disso, que trabalhar é essencialmente fracassar. Mesmo se, num primeiro momento, esse sofrimento desanima e paralisa, num segundo momento, superado o desconforto imediato, o sujeito parte numa viagem de exploração do ocorrido em busca de compreensão e de diagnóstico para, em seguida enfrentar, em outra condição, o evento gerador do fracasso. Frente à regulações engenhosas provocadas pela insuficiência das normas, o reconhecimento pode ser considerado a mola propulsora de satisfação e de sentido para o trabalhador (Dejours, 2011).

Por conseguinte, sem reconhecimento, o sofrimento no trabalho fica impossibilitado de ressignificação. Quando o trabalhador não vê confirmada a utilidade e/ou a estética de seu fazer, o sofrimento vivenciado perante o real do trabalho pode desembocar na descompensação, no adoecimento psíquico (Dejours & Gernet, 2011). Neste sentido, Dejours (2011, pp. 91-92) reitera que, “se a dinâmica do reconhecimento está paralisada, o sofrimento

não pode ser mais transformado em prazer, não pode mais encontrar sentido: só pode gerar acúmulos que levarão o indivíduo à dinâmica patogênica de descompensação psíquica ou somática”.

Pelas razões aludidas, o reconhecimento, na Psicodinâmica do Trabalho, constitui um eixo central de análise das relações entre saúde mental e trabalho, por desempenhar papel semelhante ao de uma armadura, que blinda e resguarda a saúde mental do trabalhador. Já na sua ausência, quando o sofrimento fica destituído de sentido, uma crise de identidade pode ser deflagrada, tendo no adoecimento um provável desfecho. A seguir, buscamos explicitar melhor o estatuto do reconhecimento na Psicodinâmica do trabalho.

Psicodinâmica do Trabalho e Reconhecimento no Trabalho

Na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, a dinâmica do reconhecimento no trabalho constitui um eixo teórico fundamental, pois favorece, dentre outras coisas, o processo de construção identitária, que, como vimos, é crucial para a saúde mental do trabalhador. A Psicodinâmica do Trabalho assegura que os trabalhadores engajados em sua atividade realizam esforços, utilizam suas inteligências, empenham-se, cooperam e assim contribuem com uma organização do trabalho mais congruente com suas expectativas e, num raio mais amplo, com as expectativas da sociedade.

Dessa maneira, a mobilização subjetiva está ancorada no desejo que os trabalhadores têm de estarem implicados com o seu trabalho. É por meio dela que eles se entusiasmam, desenvolvem suas competências, dedicam-se à discussão de ideias e opiniões, colaborando para a concepção e ajustes da organização de trabalho (Dejours, 2011). Tal mobilização se apresenta espontaneamente e a maioria dos trabalhadores, em bom estado de saúde, busca colaborar para a realização do trabalho com zelo e responsabilidade. Entretanto, tal mobilização depende do retorno que a organização do trabalho oferece à contribuição do

trabalhador, ou seja, a retribuição simbólica, que se manifesta sob a forma de reconhecimento (Dejours, 2012).

O reconhecimento, que é essencialmente de natureza simbólica (o que não significa secundarizar ou não reconhecer o lugar de destaque do reconhecimento material, especialmente numa conjuntura como a brasileira) compreende dois sentidos. Primeiramente, o sentido de *constatação*, que se manifesta quando da declaração oficial pela organização da relevância das contribuições do trabalhador ao aperfeiçoamento da organização do trabalho. Este reconhecimento pode conduzir a emergência de resistências por parte da hierarquia, uma vez que reconhecer publicamente a contribuição do trabalhador implica, sob outro ângulo, admitir a falha da técnica e da organização prescrita do trabalho. Outro sentido do reconhecimento é o de *gratidão* relativa às contribuições dos trabalhadores à organização de trabalho (Dejours, 2011).

Para Dejours (2011), o reconhecimento remetido ao trabalho realizado passa pela construção de julgamentos, os quais podem ser enunciados numa linha vertical ou horizontal. O primeiro, proveniente da hierarquia, supervisores, e em alguns casos, dos clientes/usuários dos serviços, é denominado de julgamento de *utilidade*. O segundo, emitido pelos pares, é designado de julgamento de *estética* ou de *beleza*, sendo considerado o mais importante, por ser o mais exigente, pois advém daqueles que integram a mesma comunidade profissional e que, portanto, conhecem em profundidade o trabalho e suas regras (Athayde, 1996; Dejours, 2012; Molinier, 2013).

As duas formas de julgamentos (*utilidade* e de *estética/beleza*), embora provenham de fontes distintas, carregam um traço comum: ambos têm como endereço o *trabalho realizado*. Incidem, desse modo, sobre o *fazer, sobre o trabalho* e não sobre quem o faz. Por outro lado, ao ver reconhecido o seu trabalho, o sujeito pode desfrutar de um ganho no registro simbólico, na própria identidade, uma vez que o reconhecimento conferido à

qualidade do trabalho realizado pode tangenciar a personalidade do sujeito trabalhador (Dejours, 2011).

O reconhecimento produz, em última instância, efeitos na identidade do trabalhador, que se vê atualizada e fortalecida. Ao conferir sentido ao sofrimento, ao empenho, à mobilização, à renúncia em prol de um objetivo, de uma tarefa, o reconhecimento produz uma espécie de transmutação do sofrimento em criação, em prazer (o sofrimento criativo), beneficiando a organização do trabalho dessa produção inventiva. Por fim, é necessário afirmar que esta retribuição simbólica em forma de reconhecimento é crucial para a construção e o fortalecimento da identidade que, por sua vez, é fator determinante à saúde mental do sujeito (Dejours, 2013).

A ausência de reconhecimento, por outro lado, significa que o sofrimento não encontra sentido e é, desse modo, vivido como absurdo. Quem dele é privado se pergunta: por quê investi minhas energias, minha inteligência, meus afetos, meu corpo em algo que não obtenho retorno, que situa no mesmo patamar quem se empenha e quem não se empenha. A ausência do reconhecimento, portanto, é o passaporte para a desmobilização, para a decisão de economizar-se, de investir regradamente no trabalho. Tal decisão, além de desfavorecer quem a toma, porque o impulso dos humanos é sempre o de extravasar sua inteligência e não de contê-la, desfavorece a organização que se vê privada dos benefícios do engajamento. Sem reconhecimento, a cena psíquica é ocupada apenas por vivências de sofrimento, cujo destino, em muitos casos, é o adoecimento.

Reconhecimento na atividade de coleta de lixo domiciliar

Ao longo da história, o verbete lixo esteve sempre associado àquilo que deve ser descartado e afastado, que não tem nenhuma serventia e nenhum valor, devendo, portanto, deve ser destinado para outros locais, que não sejam as residências, indústrias e

estabelecimentos no geral. O lixo usualmente expressa uma ideia de sujeira, de rejeito, e por isso mesmo acaba engendrando sensações de estranhamento, asco e repulsa. Lamentavelmente, essa concepção não abarca apenas o que é lixo, mas também, se estende a quem dele se ocupa de alguma maneira (Barros & Lhuilier, 2013; Costa, 2008; Santos, 2008, Zaneti, 2006).

Nesse universo, situa-se a atividade de coleta de lixo que além de discriminada, expõe seus trabalhadores aos mais diversos riscos (Lazzari & Reis, 2011), além de condições precárias e insalubres (Smidt & Vendruscolo, 2006) e sobrecarga de trabalho física (Cardoso, Rombaldi, & Silva, 2014) e psíquica. Estas são características próprias do processo de estigmatização (Barros & Lhuilier, 2013). Uma vez estigmatizados e discriminados, os trabalhadores deixam de ser reconhecidos pelo outro (Nascimento, 2003).

Soares (2011) e Lulhier (2005) atribuem a pequena quantidade de estudos sobre determinadas atividades (a exemplo daquelas ligadas ao chamado trabalho sujo) ao fato delas estarem vinculadas à definição negativa imputada ao lixo. O conceito de trabalho sujo (*dirty work*) apresentado pelo sociólogo norte-americano Everett Hughes. Para este autor, atividades relacionadas a uma experiência tabu, impura e indesejável pertencem ao universo do então trabalho sujo (Hughes, 1962). São atividades que se ocupam de objetos física, moral e socialmente degradantes, sustentáculos de desprestígio social (Hughes, 1962; Molinier, 2013).

Na atividade de coleta de lixo domiciliar, a questão do reconhecimento e sua importância para os trabalhadores, constitui um tema pouco explorado na pesquisa e mesmo assim, quando aparece, recebe um tratamento secundário (Dejours, 2012; 2013; Molinier, 2013). É tendo esse argumento como referência que o presente artigo procura restituir ao reconhecimento o seu lugar de destaque na questão da saúde mental.

Método

O presente estudo foi realizado entre fevereiro e maio de 2017 na empresa responsável pela coleta de lixo domiciliar de uma cidade de médio porte do Nordeste brasileiro. Obedeceu a um delineamento não experimental, de natureza qualitativa, de caráter descritivo e construído a partir de relatos dos profissionais de coleta de lixo domiciliar.

Participantes

Participaram deste estudo 13 coletores de lixo domiciliar, dos quais oito são trabalhadores diurnos e cinco são noturnos. Todos são do sexo masculino, com idades variando entre 25 a 51 anos ($M = 32$; $DP = 6,94$). A condição para participar do estudo foi determinada pelo interesse e disposição de cada profissional, que, voluntariamente, registrou sua assinatura em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalte-se que a participação dos mesmos levou em consideração os aspectos éticos envolvendo investigação sobre seres humanos, conforme resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo foi submetido e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa.

Instrumentos de coleta de dados

Para realização do presente estudo optamos por dois instrumentos, sendo o primeiro um questionário sociodemográfico e o segundo uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi construído a partir das categorias teóricas desta pesquisa. Procurou-se contemplar as seguintes temáticas: histórico profissional; atividade de trabalho de coleta domiciliar, o que implicou investigar como é o cotidiano de trabalho, que imprevistos ocorrem, que táticas desenvolvem, individual e coletivamente, para lidar com esses imprevistos; quais são as condições de trabalho a que estão submetidos os trabalhadores, a que riscos estão expostos; como se apresentam as relações intersubjetivas, com a hierarquia, pares e usuários do serviço; se se sentem ou não reconhecidos e qual(is) a(s) fonte(s) desse reconhecimento; o que os faz

sofrer e sentir prazer no trabalho e, por fim, quais as implicações psíquicas e sociais associadas a essa atividade de trabalho.

Procedimento de coleta de dados

Primeiramente contactou-se a gerência da empresa para apresentação da proposta de estudo. A aceitação da mesma ocorreu sem entraves e esta exigiu apenas o aval de um comitê de ética em pesquisa. Cumprida tal exigência, ficou autorizado o início da pesquisa. Em seguida, a gerência intermediou o contato com o encarregado do setor de coleta de lixo domiciliar em virtude de sua proximidade com os coletores. Este, por sua vez, favoreceu, de maneira substantiva, o elo entre a pesquisadora e os trabalhadores. Respeitando a dinâmica da empresa, em dia e horário previamente acordados, foi apresentada a proposta de estudo aos trabalhadores e feito o convite para dela participar. Diante da concordância dos presentes, foram agendados dia e hora para as entrevistas individuais, que aconteceram na empresa, sempre no final do expediente, para os trabalhadores diurnos, e antes do expediente, para os noturnos. Com o consentimento dos agentes de limpeza, as treze entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Procedimento de análise de dados

O tratamento dos dados foi conduzido através da análise de conteúdo temática na perspectiva proposta por Laville e Dionne (1999). Para esses autores, o princípio da análise de conteúdo é marcado pela revelação da estrutura e dos elementos que compõem o conteúdo para então serem delineadas suas múltiplas características e extraídas sua significação, ou seja, trata-se de um esforço de compreensão dos significados da fala no seu contexto, a partir de inferências relativas ao seu conteúdo. A definição das categorias analíticas foi norteadas pelo modelo misto, embasadas ora no referencial teórico, ora nos materiais produzidos no

campo. Dessa combinação resultaram oito categorias de análise, sendo “reconhecimento no trabalho” a que privilegiamos nesse artigo.

Resultados e discussão

1. “Nunca recebi reconhecimento de nenhum, e o diretor eu não conheço”: a ausência de reconhecimento por parte da organização

Dentre tantas contribuições imprescindíveis à vida social, a limpeza das vias públicas é o resultado mais visível do trabalho realizado pelos coletores de lixo domiciliar. Tal resultado, via de regra, é monitorado permanentemente pela população beneficiária. Por outro lado, o esforço do principal agente nesse processo, aquele que dispense sua energia, nem sempre é visto e muito menos reconhecido, escapando aos olhos da maioria dos cidadãos.

O papel do reconhecimento é primordial para construção e fortalecimento da identidade individual e social do trabalhador. Destarte, uma identidade fortalecida desempenha a função de um anticorpo, que afasta ou neutraliza os ataques à saúde mental. Na ausência do reconhecimento, a situação se inverte, ou seja, o indivíduo se vê fragilizado, bastante sensível aos ataques à identidade que podem, inclusive, levá-lo a resvalar diretamente no campo do sofrimento e do adoecimento, seja ele de caráter mental ou somático (Dejours, 2007).

Contudo, este reconhecimento não se faz sem a participação do outro, pois está sujeito ao julgamento de instâncias distintas, tais como chefes, supervisores, subordinados e clientes/usuários, assim como pares, como já apresentado anteriormente. É papel de todos eles, em suas diferentes posições, julgar e, desse modo, atribuir reconhecimento ao trabalho realizado pelo outro (Dejours, 2011).

Vale salientar que, tal como assevera Molinier (2013), o reconhecimento independe do “valor da obra” que é realizada. Dessa maneira, todo e qualquer trabalhador que realiza uma

atividade desenvolve a expectativa de que seu trabalho seja valorizado e declarado útil, de tal modo que encontre sentido no que faz.

Neste artigo, optamos por discutir inicialmente o reconhecimento enunciado verticalmente e, posteriormente, aquele proferido pelos pares, numa base horizontal. Os resultados evidenciaram que as expressões de reconhecimento nesta atividade são restritas, o que representa uma barreira para a transformação do sofrimento em prazer e realização (Dejours, 2011). Ao serem questionados se recebem reconhecimento da hierarquia pelo trabalho realizado, responderam unanimemente que não, ou seja, nenhum reconhecimento partiu daqueles que ocupam a função de chefes e supervisores.

Conforme Dejours (2011), este tipo de reconhecimento que é emitido por chefes, supervisores e até mesmo clientes/usuários, é tipificado como julgamento de utilidade, referindo-se a utilidade técnica, social e econômica do trabalho realizado. É este julgamento que sinaliza para o trabalhador a utilidade de seu trabalho para uma organização específica. Ocorre, porém, que na categoria de coletores de lixo domiciliar aqui investigada, esse tipo de julgamento está ausente, como assevera o relato seguinte: “Reconhecimento? [...] Não, não recebo nada (risos). Não, não recebo nada (risos)” (Participante 12); “O diretor, a gente não sabe quem é, eu nem conheço, nunca sequer vi. O encarregado é um cabra bom, mas pra ele o negócio é pra você trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar e trabalhar. Ele não reconhece o trabalhador” (Participante 11). As colocações seguintes de outros coletores reiteram o que foi dito:

Ah o supervisor ele quer que a gente faça o serviço né, se reconhece ele não diz, não diz a ninguém não. Eles querem que a gente faça o serviço, não faltando e fazendo o serviço direitinho eles não pega no pé de ninguém não. (Participante 4)

Do diretor nunca recebi reconhecimento não, eu mesmo não, o que ele quer é que a gente trabalhe, e em todo serviço é assim. [...] Para mim é... eu acho que é tudo assim. Assim, gosta porque a pessoa tá indo, mas também no dia que você falta, meu Deus. Muitas vezes já presenciei isso, ele quando vê que você falta, não importa o motivo, ele fica falando porque você não veio, tá entendendo? É, aqui a gente só recebe serviço pra fazer, nada mais. (Participante 10)

Nem o diretor nem o supervisor reconhecem, eu não, eu acho que não, o supervisor também é muito calado e eu também sou muito calado, não sou muito de conversar com esse pessoal aí não. Nunca recebi reconhecimento de nenhum dos dois, e o diretor eu não conheço. (Participante 13)

Percebemos assim uma relação utilitarista dos coletores, seja pela postura de distanciamento (da gerência superior) ou pela prática de constante cobrança dos supervisores, seja ainda pelo silêncio com relação aos resultados alcançados pelos coletores. Podemos inferir, de acordo com Dejours (2004b), a importância de um espaço aberto à discussão das insuficiências da organização do trabalho, porque, sem isso, torna-se difícil liberar o potencial criativo dos trabalhadores, muito menos mobilizar estratégias concretas de mudança para que estes sejam reconhecidos pela sua contribuição efetiva à organização.

O reconhecimento que decorre do julgamento de utilidade é de grande importância para o trabalhador, pois além de proporcionar um sentimento de utilidade, de contribuição concreta à organização, permite conquistar status na organização, assim como no meio social em que vive (Dejours, 2013). Entretanto, os discursos acima evidenciam a ausência de reconhecimento por parte da hierarquia da empresa. Em face disso, é pouco provável que esses trabalhadores experimentem um sentimento de utilidade para a organização.

Indo ao encontro do que postula Molinier (2013) sobre o fato do reconhecimento no trabalho não depender do valor da obra, o depoimento do trabalhador a seguir atesta que nesta atividade o reconhecimento não é possível, pois, segundo ele, “nesse trabalho eu não me sinto valorizado, eu sou muito desvalorizado, esse trabalho já é desvalorizado, acho que é por isso que também não é reconhecido quem trabalha nele” (Participante 9). O déficit de reconhecimento simbólico reflete-se, portanto, em um sentimento de desvalorização frequente, reflexo da falta de zelo por parte dos gestores.

É necessário considerar que esta falta de reconhecimento percebida e vivenciada pelos coletores constitui um possível caminho para o sofrimento patogênico, o que representa um risco potencialmente comprometedor de sua saúde, em razão da vinculação da dinâmica do reconhecimento ao registro da identidade. Em vista disso, e conforme penhora Dejours, conclui-se que esta é uma via de vulnerabilidade do equilíbrio psicossomático (Dejours, 2004a).

Esta capitulação da hierarquia, que priva os coletores de reconhecimento produz consequências, como assinala Dejours (2011). É justamente na falta dele que o sofrimento no trabalho prospera, restringindo as chances de conversão desse sofrimento em prazer. Diante de situações como esta, resta aos trabalhadores engajarem-se na busca de estratégias defensivas para o alcance de certo equilíbrio, evitando o comprometimento da saúde. Por outro lado, é necessário dizer que o uso exagerado dessas estratégias pode resultar em consequências nocivas para a organização do trabalho, já que significam acomodação e paralização dos esforços de mudanças organizacionais.

2. “É raro, têm poucas pessoas que reconhecem, a maioria debocha”: entre o prazer de ser reconhecido e o sofrimento de ser discriminado

Ainda numa linha de reconhecimento vertical, situam-se aqueles na qualidade de clientes/usuários. Ainda que se distancie das expectativas dos coletores, esse reconhecimento guarda certa importância como atestam os trechos seguintes de falas “De poucas pessoas sim, mas de muitas outras não. Às vezes, do pessoal da rua mesmo. É raro, têm poucas pessoas que reconhecem, a maioria debocha” (Participante 1); “Recebo, pouco mas recebo, assim do pessoal, não todos, mas algumas pessoas, assim, é ... dá os parabéns a gente pelo trabalho da gente né, mas têm muitos outros que discriminam a gente, e a gente escuta muita coisa, reclamações” (Participante 6); “Pouca gente reconhece o serviço da gente, a maioria discrimina, se a gente passa ficam soltando insultos, ah! os cheirosos, olha os fedorentos e isso é xingando a gente né, soltando essas piadas, no caso” (Participante 7)

Os coletores relataram, em sua maioria, que emergem das manifestações de clientes/usuários das áreas onde fazem a coleta possibilidades para que eles experimentem o sentimento de utilidade que lhes é negado pela organização. Ao mesmo tempo em que apontaram tais positivities, evidenciaram serem esses mesmos usuários os protagonistas de situações de hostilidade e discriminação em relação a eles. Essa ambivalência na relação com os usuários está expressa também nos relatos a seguir.

Dos poucos que reconhecem, eu percebo porque eles sempre ‘dá’ os parabéns o cabra, elogiam a pessoa e pega na mão da pessoa, aqui acolá tens uns que elogiam a gente ainda, mas têm muitos que nem olhar pra cara do cara olha, parece que nem lhe vê, mas sente que você fede porque não passa nem perto de você, se você passa eles tampam o nariz, eu acho que isso é nojo né? (Participante 13)

Como revela o coletor, algumas pessoas desviam o olhar, fazem de conta que não veem, como se não enxergassem mesmo ou quisessem mantê-lo distante da visão e conseqüentemente no esquecimento, tal como é feito com o lixo. Neste sentido, esclarece Barros e Lhuilier (2013), em atividades desvalorizadas e desprestigiadas socialmente, quem dela se ocupa está também propenso a ser contaminado, de modo que lhe é atribuído o mesmo lugar de sua atividade.

Contudo, esses trabalhadores encontram no pouco reconhecimento que recebem dos clientes/usuários certo encorajamento para seguir adiante. Assim sendo, trata-se de gratidão, um dos sentidos compreendidos pelo reconhecimento. A gratidão desempenha um papel muito importante para os coletores, revigorando-os e estimulando para que desempenhem da melhor forma o seu trabalho. O relato seguinte nos mostra o valor da gratidão daqueles que reconhecem que, mesmo diante das adversidades encontradas nessa atividade, os coletores são como guerreiros que enfrentam tais dificuldades e se mantêm em uma profissão que muitos resistem em ingressar e poucos querem para si.

Mas de algumas pessoas da rua, às vezes quando a gente passa eles dizem assim: ó olha aí ó, guerreiros são esses que limpam a rua, olha aí quem quer trabalhar, olhe no que é que tá, porque isso aí não é fácil não, trabalhar num negócio desse aí não é fácil mesmo, correndo atrás de um carro desses ninguém quer tá. (Participante10)

Do pessoal da rua eu me lembro de um único, um rapaz aí que já jogou até num time de futebol, quando a gente passa lá ele nos dá lanche, fala que nós somos uns guerreiros, bota nós lá em cima. Quando recebo algo assim minha autoestima fica ótima. (Participante 13)

Entretanto, segundo Molinier (2013), esse tipo de reconhecimento, ainda que seja positivo para o trabalhador, diz respeito somente à gratidão que os clientes/usuários demonstram e não propriamente um julgamento do trabalho em si, já que os mesmos possuem interesses próprios relacionados ao serviço prestado, e sendo assim, não reúnem certas condições para oferecer de fato reconhecimento pelo trabalho realizado. Nesse sentido, somente a hierarquia e os pares, possuem as condições para reconhecer o trabalho desses profissionais.

É necessário ressaltar que as mais singelas formas de agradecimento e/ou cordialidade por parte dos clientes/usuários são também entendidas pelos coletores como formas de reconhecimento. Devido ao fato de serem comumente xingados por parte daqueles, quando se deparam com uma situação na qual são tratados com respeito e dignidade, alguns coletores entendem essas situações como uma forma de reconhecimento pelo trabalho, conforme se verifica na fala seguinte: “Às vezes a pessoa chega, aí escuta: meu filho você é trabalhador, vocês merecem, vocês são gente de ouro, tem gente que diz.” (Participante 1)

Algumas pessoas passam por nós e dão parabéns pra nós né, e com isso a gente se sente lá em cima né, saber que a gente tá trabalhando e fazendo a limpeza da casa deles né e eles estão pelo menos nos vendo. (Participante 2)

Têm umas senhoras aí que ‘ficava’ esperando o caminhão passar, aí quando o caminhão ia passando pedia parada aí dava lanche, conversava com a gente, abraçava a gente, dava presente, mas conta nos dedos as pessoas que fazem isso, a maioria quando vê o caminhão tampa logo o nariz e até xinga a gente. (Participante 7)

Algumas pessoas param o carro, aí nos parabeniza pelo nosso trabalho, diz que esse nosso trabalho é um trabalho que era pra todo mundo ver, mas nem todo mundo

agradece pelo o que a gente faz, nos parabeniza e diz que nós éramos pra ganhar muito bem. (Participante 11)

É possível observar que alguns relatos confirmam que a relação dos coletores com os clientes/usuários também é marcada por situações desagradáveis que causam aborrecimentos e mal-estar, como demonstram os trechos das falas a seguir: “Se a gente passa, ‘ficam’ soltando insultos, ah! os cheirosos, olha os fedorentos e isso é xingando a gente né, soltando essas piadas”. (Participante 7). “Muitas pessoas só nos xingam, nos xingam, ficam é jogando piadinhas pra o lado da gente”. (Participante 11). É diante de situações como essas, que os coletores sentem a necessidade de mobilizar a paciência para que conflitos maiores sejam evitados.

Diversos são os insultos que estes trabalhadores recebem no dia a dia de trabalho, como veremos a seguir: (...) “quando a gente passa perguntam se a gente vai pra praia, ou dizem, lá ‘vai’ os cheirosos, num sei o quê, num sei o quê” (Participante 11); “vai pra praia, cheiroso? Vai pra praia? Aí cheiroso, num sei o quê” (Participante 1). Situações como estas acontecem porque eles precisam passar bastante protetor solar para suavizar os efeitos nocivos do sol e por carregarem impregnados, nos próprios corpos e nos uniformes, os odores exalados do lixo, que se intensificam mais ainda na hora que o compactador enche e é preciso prensar o lixo no interior do carro. As consequências desses insultos são sempre negativas, porque irritam os coletores, estressam e causam desgaste emocional.

Deste modo, a relação dos coletores com os usuários está assentada na dualidade entre o reconhecimento/gratidão por parte de alguns e a discriminação por parte de outros, entre a satisfação de serem reconhecidos por uns e o constrangimento de serem discriminados por outros. Mesmo existindo esse reconhecimento por parte dos usuários é necessário destacar

que o preconceito ainda se manifesta na vida desses trabalhadores, representando uma das principais fontes de sofrimento para eles.

3. “Aqui dentro nós somos todos iguais, humildes pra caramba, sim nós reconhecemos o valor do outro e do trabalho que nós fazemos”: o reconhecimento dos pares

Por fim, o reconhecimento dos pares, advindo do julgamento estético e/ou de beleza, e pode ser alcançado em duas frentes: a partir da *conformidade* e da *originalidade* do trabalho. No primeiro caso, o foco incide sobre a *conformidade do trabalho*, ou seja, o julgamento resulta da adequação e do respeito às regras do ofício. Este julgamento confere aos pares a autoridade necessária para realizá-lo, já que são estes que detêm a posse de um saber-fazer comum e das regras que pautam o trabalho e a convivência. No segundo nível, o foco recai sobre a originalidade do trabalho, o que significa detectar se há algo extraordinário, inovador, inédito, registrado pelo trabalhador que exceda as qualidades comuns para a realização da atividade (Dejours, 2012; Molinier, 2013).

Neste estudo, foi apontado, pela grande maioria dos coletores de lixo entrevistados, que a principal fonte de reconhecimento nesta atividade vem mesmo de seus pares. É, também por meio desse reconhecimento que esses trabalhadores se sentem parte de uma comunidade profissional. Verificamos que as relações que os coletores estabelecem com seus colegas de trabalho se apresentam como um fator primordial e que ajuda a tornar a atividade de trabalho menos sofrida. O trecho de fala seguinte atesta a existência desse reconhecimento entre eles.

Aqui, os colegas são tudo uma classe só, então se não reconhecesse ninguém se ajudava, mas graças a Deus é tudo um pensamento só, a gente já trabalha duro, pra aliviar faz brincadeira, quando acontece algum negócio, a gente dá força ao outro pra não dizer nada, pra num... tá entendendo? (Participante 4)

Dejours (2004a) defende que as pessoas, ao trabalharem de forma cooperativa, buscam superar as contradições da organização do trabalho. Verificamos que os coletores procuram cooperar entre si e, em função disso, interagem, dialogam, compartilham e engendram brincadeiras cuja intencionalidade é atenuar, minimizar e suavizar o sofrimento proveniente da ‘dureza’ desse trabalho. O brincar é um elemento essencial e revelador do espírito lúdico que, mesmo estando ‘preso’ nas injunções do real, encontra uma via e uma maneira de escapar, nem que por apenas alguns instantes (Santos, 1999).

Esse reconhecimento que é, sobretudo, pautado no julgamento estético, toma como parâmetro a engenhosidade, o esforço para enfrentar a resistência própria do real e a busca pelo trabalhar bem (Dejours, 2011). Mesmo sendo mais comum, é tido como o mais relevante por ser proferido por quem conhece o trabalho, o seu saber-fazer.

Dessa forma, o participante de uma determinada comunidade profissional sabe exatamente quais são os desafios produzidos pelo real e tende a julgar o trabalhador pela sua capacidade de superar tais desafios. Esse julgamento tem mais peso porque quem está julgando conhece a fundo o trabalho e por isso sabe exatamente quais são os entraves que o outro enfrenta e consegue superar. Portanto, é de longe o julgamento mais valioso para o trabalhador (Dejours, 2005).

É de grande importância para esses trabalhadores serem reconhecidos pelos companheiros. É mediante esse reconhecimento que eles se sentem valorizados e encontram forças para cooperar e realizar o trabalho da melhor forma. Os elogios, entendidos por eles como reconhecimento, são a base da cooperação. Ser reconhecido pelo companheiro faz com que eles naturalmente desenvolvam atitudes que favoreçam o grupo na realização da atividade, como verbaliza o trabalhador a seguir: “Os colegas reconhecem porque a gente aqui é uma união sabe, aí uns ajuda os outros, a gente trabalha assim, uns ajuda e assim a gente vai”. (Participante 6)

Dizer que o colega fez certo, que está bom, que foi o melhor a ser feito remete à conformidade do trabalho, diz respeito a uma ação congruente com as regras do trabalho. Os trechos de fala seguintes confirmam tais análises.

Meus companheiros de trabalho, eles elogiam porque a gente trabalha em conjunto. E às vezes eu faço as coisas e eles dizem que tá certo, que tá bom, que foi a melhor coisa, eu me sinto valorizado por eles, somente por eles. Isso me faz querer trabalhar mais, ajudar mais para ficar melhor pra todo mundo, é isso. (Participante 13)

Meus colegas de trabalho as vezes falam que eu trabalho bem, assim, as vezes eles falam isso, e eu gosto porque me sinto importante no meu grupo e fico muito satisfeito em saber que pelo menos uma pessoa reconhece o que eu faço, já que as outras pessoas não reconhecem, na verdade nem vê. (Participante 8)

Entretanto, existem aqueles que na sua prática cotidiana se distanciam das regras de trabalho. O cuidado de deixar tudo limpo, uma das principais normas da atividade de coleta de lixo, nem sempre é obedecida por todos. Porém, atitudes como essa são registradas pelo motorista e pelo coletivo de trabalho, sendo objeto de correção, como elucidado a seguir:

Têm agentes que deixam tudo bem limpinho e têm outros que não liga muito pra organização. O motorista é quem presta atenção na gente né, quem é bem cuidadoso né na coleta, já tem outros que ‘derrama’ o lixo e não querem apanhar aí a gente vai e dá uma força daí ele vai lá e ajeita. (Participante 6)

A fala anterior evidencia o julgamento de beleza, pois remete a estética do trabalho efetuado por alguns coletores (Dejours, 2012). Tal julgamento, como já assinalamos, constitui o mais significativo para os trabalhadores, justamente porque é certificado pelo companheiro,

que é detentor de um saber-fazer coletivo, o que o autoriza a emitir um julgamento da originalidade do trabalho (Dejours, 2005).

Acreditamos que o reconhecimento dos pares tem sido um elemento importante na constituição do prazer e da saúde no trabalho. Existe entre os coletores uma relação de apoio que passa, segundo o que foi relatado, pelo respeito e reconhecimento da importância da ajuda recíproca, da cooperação e da solidariedade, tão necessárias à mobilização subjetiva, assim como para conquista e manutenção de prazer e saúde. Isso só é possível porque existe reconhecimento entre eles, pois quando não há, os trabalhadores comumente ficam desmotivados, desencorajados para o enfrentamento e superação do que escapa à prescrição, presente em qualquer trabalho. Dessa forma, o prazer, que é também saúde, é favorecido pela via do reconhecimento recíproco e da valorização que os mesmos imprimem ao seu trabalho.

Algumas atividades são mais invisíveis que outras. Aquela que nos voltamos nesse artigo é envolvida pela falta de reconhecimento, o que justifica sua desvalorização e as repercussões negativas sobre quem nela trabalha. Na intenção de tornar possível e menos doloroso o trabalhar, os coletores disseram não dar importância a este fato, uma vez que o motivo para realizar este trabalho é muito maior para que eles que a falta de reconhecimento. Entretanto, essa atitude não evita que sofram, pois não extingue o fato de não serem reconhecidos e nem contribui para mudanças reais nas práticas gerenciais e da população na direção de um maior reconhecimento para esta atividade de trabalho.

Considerações finais

Adentramos à realidade da atividade de coleta de lixo por meio do que foi relatado pelos coletores e apreendemos como nela se apresenta a questão do reconhecimento. Verificamos que, em se tratando de uma atividade de indiscutível relevo e alcance social, o reconhecimento que nela se apresenta ainda é ínfimo, limitado e insuficiente, e isso acaba por

colocá-la, juntamente com seus trabalhadores, em posições de desvalorização e desprestígio, menosprezando assim a importância e imprescindibilidade desse trabalho em função de sua natureza. Neste sentido, averiguamos que quem primeiro priva os coletores de reconhecimento são aqueles que deveriam primeiramente reconhecê-lo, a saber, a hierarquia, seguida por uma fração dos usuários. Em contrapartida a outra fração, numericamente inferior, é quem efetivamente reconhece o valor desse trabalho. Constatamos que, paradoxalmente, o reconhecimento dessa atividade só existe quando ela não é feita. A limpeza, que é o resultado da ação dos trabalhadores, é quase sempre invisível; por outro lado, é a sujeira que responde pelas queixas dos usuários desse serviço. Dessa forma, verificamos que é a partir da falta ou insuficiência do serviço e de suas consequências, na visão dos usuários, que se percebe o valor da coleta de lixo.

Desse modo, evidenciamos que os coletores e o trabalho de limpeza de que são responsáveis só são notados apenas quando falham, ou seja, quando tomam atitudes em desacordo com as expectativas sociais, nem sempre razoáveis. O reconhecimento que recebem é insuficiente, se considerarmos o que se origina da hierarquia e dos usuários. Desses últimos, em particular, ainda se registram manifestações de gratidão, embora não ocorram na dimensão que os coletores esperam. O reconhecimento mais expressivo provém mesmo dos pares por meio do julgamento de beleza.

Alguns coletores relataram a falta que sentem da fiscalização do Ministério do Trabalho, pois geralmente as reclamações feitas pelos usuários são porque eles não coletam resíduos que devem ter outro destino como terra, madeira, dentre outros. Ou seja, o objeto da reclamação não procede porque não está previsto no trabalho deles. Não obstante, muitas vezes, são obrigados a fazerem o que não lhes cabe, sob pena de serem punidos. Tudo isso sem considerar a carga de trabalho que representa a coleta desses materiais.

Sendo assim, sofrem por estas queixas dos usuários, algumas devidas, outras não. Certas ou erradas, essas reclamações são sempre acatadas pela empresa, sem qualquer processo de crítica, e que esta sempre se coloca do lado dos usuários, e muito raramente do lado do trabalhador. É uma espécie de ditadura do usuário, que leva os coletores a realizar tarefas que não deveria ser deles. Ao acatar indiscriminadamente essas queixas, a empresa colabora com uma transgressão às próprias normas que cria, colocando o coletor numa condição delicada, tendo que desenvolver atividades que escapam da sua competência.

Contudo, foram o preconceito e a discriminação sofridos pelos coletores que se revelaram os fatores centrais e mais preponderantes nas vivências de sofrimento. Por isso, acreditamos que um maior investimento em pesquisas sobre esta atividade é urgente, pois contribui para retirá-la da invisibilidade e do preconceito na qual é lançada na atualidade.

Diante disso, e da importância do reconhecimento para a identidade do sujeito/trabalhador, faz-se necessário refletir que, quando não se obtém tal reconhecimento, os trabalhadores podem ser lançados no campo do sofrimento patogênico. E mesmo tendo alguns deles relatado que, ao longo de suas trajetórias de trabalho, desenvolveram certa resistência, a ponto de dizer que não ligam e nem sofrem pela ausência de reconhecimento, tal relato apenas revela um meio defensivo, nem sempre consciente, de se confrontar com o sofrimento de não receber o devido reconhecimento, para que este se converta em trabalho prazeroso e salutar.

Neste sentido, faz-se necessária a intervenção do poder público por meio de campanhas educativas para a população no geral, a fim de conquistar um maior reconhecimento social. Essa desvalorização profissional traduz também, na nossa percepção, um descaso do poder público com relação às políticas ambientais. A ausência de um trabalho educativo junto à população no tocante, por exemplo, à coleta seletiva do lixo, que já implicaria uma diminuição substancial dos riscos dessa categoria, testemunha certa omissão do poder público, que rebate no trabalho dos coletores. A melhora nesse quadro poderia

contribuir para uma maior proteção dos trabalhadores, que ao desempenharem uma atividade socialmente reconhecida poderiam encontrar mais sentido em seu trabalho.

Referências

- Athayde, M. (1996). *Gestão de Coletivos de Trabalho e Moderno: questões para a engenharia de produção* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Barros, V. A., & Lhuilier, D. (2013). *Marginalidade e reintegração social: O trabalho nas prisões*. Manuscrito não publicado.
- Cardoso, R. K., Rombaldi, A. J., & Silva, M. C. (2014). Distúrbios osteomusculares e fatores associados em coletores de lixo de duas cidades de porte médio do sul do Brasil. *Revista Dor*, 15(1), 13-16. doi: 10.5935/1806-0013.20140004
- Costa, F. B. (2008). *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas* (Unpublished doctoral dissertation). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo
- Dejours, C. & Gernet, I. (2011). Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: Bendassoli, P. F. & Soboll, L. A. P. (Orgs). *Clínicas do trabalho* (pp. 61-70). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2004a). Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S.; Sznelwar, L. I. (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 47-104). Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Editora Paralelo 15.
- Dejours, C. (2004b). Da psicopatologia á psicodinâmica do trabalho. In Lancman, S & Sznelwar, L. I. (orgs). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 57-123). Rio de Janeiro; Editora: Fiocruz.

- Dejours, C. (2005). *O fator humano*. (5 ed.). (M. I. S. Betiol e M. J. Tonelli, trads.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Dejours, C. (2007). A Sublimação, entre Sofrimento e Prazer no Trabalho. *Portuguesa de Psicanálise*, 33(2), 9-28. Portugal. Retirado de <http://sppsicanalise.pt/wp-content/uploads/2014/04/SUBLIMA%C3%87%C3%83o-entre-sofrimento-e-prazer-no-trabalho.pdf>
- Dejours, C. (2011). Da psicopatologia á psicodinâmica do trabalho. In Lancman, S & Sznelwar, L. I. (orgs). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. (3ª ed.). (F. Soudant, trad.) (pp. 57-123). Brasília, Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo* (F. Soudant, trad.). Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2013). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 33 (2), 9-28.
- Hughes, E. C. (1962). Good people and dirty work. *Social Problems*, 10(1), 3-11. Recuperado em 03 de novembro, 2018, de Recuperado em 03 de novembro, 2018, de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/799402?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102142762513>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. UFMG/ArtMed.
- Lazzari, M. A., & Reis, C. B. (2011). Os coletores de lixo no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(8), 3437-3442. doi: 10.1590/S1413-81232011000900011.
- Lhuillier, D. (2005). Le saleboulot, *Travailler*, 14, 73-98.
- Molinier, P. (2013). *Trabalho e psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, trans.). Brasília: Paralelo 15.

- Nascimento, E. P., (2003) Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: (Bursztyn, M. org). *No meio da rua : nômades e excluídos e viradores.*(2ª ed) Rio de Janeiro: Garamond.
- Santos, T. L. F. (1999). *Coletores de Lixo: A Ambigüidade do Trabalho na Rua.* São Paulo: Fundacentro.
- Smidt, L. H. & Vendruscolo, G. B. B. (2006). *Exposição dos coletores de lixo domiciliar a riscos ambientais de um município da região das Missões/RS.* Trabalho apresentado no fórum internacional integrado de cidadania, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – Campus Santo Ângelo/RS.
- Soares, A. (2011). *L'élégancedeséboueurs.* In Corteel, D. & Le Lay, S. (Orgs.) *Les travailleurs des déchets* (pp. 213-234), Toulouse: Éditions Érès.
- Zaneti, I. C. B. B. (2006). *As Sobras da modernidade: O sistema de gestão de resíduos sólidos em Porto Alegre, RS.* Porto Alegre, RS: Famurs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a relação trabalho saúde de coletores de lixo domiciliar, utilizando como aportes teóricos a Ergonomia da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho na tentativa de identificar e compreender alguns aspectos que caracterizam esse contexto laboral marcado por certas peculiaridades. Dentre os diversos aspectos evidenciados nesse estudo, destacamos uma trajetória de trabalho circunscrita pela informalidade, a ausência total de formação profissional dos coletores, a abundância de riscos e a carência de reconhecimento neste trabalho, apesar de ser imprescindível à urbe.

Evidenciamos que os coletores encontram motivos positivos para permanecerem neste trabalho. Contudo, isso acontece principalmente em decorrência de suas trajetórias laborais marcadas por ocupações sem vínculo empregatício, férias, benefícios, salário fixo, dentre outras exigências trabalhistas, que só foram obtidas apenas ao adentrarem na atividade de coleta de lixo, mesmo considerando os limites que lhe são inerentes. Por conseguinte, a realidade encontrada suscita inquietações e preocupações no que concerne principalmente à falta de formação para atuarem nessa profissão, o que sinaliza que não tem sido dada atenção suficiente à profissão e muito menos à saúde de quem nela trabalha.

Não obstante a constatação de perigos, ameaças e riscos, ainda assim, os coletores são lançados na rua para trabalhar com pouquíssima ou mesmo sem nenhuma noção do que é necessário para prevenir-se. Sendo assim, a falta de formação pode ser um dos principais gargalos para uma prática mais consoante com segurança e saúde para eles. Por isso, é preciso então pensar maneiras de contribuir para um trabalho mais seguro e conseqüentemente menos comprometedor para a saúde. Neste sentido, acreditamos que uma formação profissional adequada e assentada no real dessa atividade, mediante a participação de todos os profissionais envolvidos, do coletor ao empregador, é um caminho acertado.

Destacamos também a intensa e imensa variedade de riscos potencialmente patogênicos que cercam diariamente os coletores, o que se torna ainda mais preocupante pelo fato deles não terem formação, e assim não receberem as instruções corretas e adequadas para enfrentar essa realidade melindrosa de trabalho. De fato, alguns desses riscos nem podem ser controlados mas, por outro lado, recusamo-nos a desconsiderar que as consequências negativas sobre a saúde dos coletores poderiam decrescer se eles tivessem o conhecimento de práticas de trabalho mais seguras e que os protegessem diante dos riscos.

Mesmo se coletores tivessem acesso à formação, ainda assim não se deve prescindir da responsabilidade de todos na concepção de meios que colaborem para a minimização desses riscos e medidas de prevenção. Seja o poder público, por meio de vistorias contínuas e punição de irregularidades; seja o empregador, por meio de treinamentos contínuos onde os saberes preventivos dessa atividade possam ser construídos e transmitidos pelos demais profissionais que a integram e não somente pelos coletores; seja a população que tem participação considerável na produção e potencialização de muitos riscos, responsáveis por doenças, mutilações e até mortes.

Constatamos que os coletores percebem que o reconhecimento no trabalho tem como fontes principais os pares e, parcialmente, os usuários. Da parte da hierarquia, não foi mencionada nenhuma manifestação de reconhecimento. Embora tenham afirmado, em sua maioria, não se importar com essa postura da empresa, é impossível não vincular essa negação de reconhecimento ao enfraquecimento da identidade individual e social dos coletores. Uma vez comprometida essa identidade que é a armadura estrutural da saúde mental, esse não reconhecimento implica necessariamente em consequências que lhe são danosas.

Ademais, o preconceito enfrentado diariamente mostra-se um fator relevante na produção de sofrimento, que pode levá-los ao adoecimento. Os insultos e ofensas, os

comentários sempre depreciativos, substanciam a percepção de que são menosprezados e acabam fazendo com que se sintam inferiores, mesmo que lutem contra isso ao buscarem explicações, pois observamos que alguns deles não aceitam essa condição, embora guardem para si mesmos esse constrangimento. Via de regra, o vocábulo *lixeiro* é utilizado como um xingamento, no intuito de diminuir e ofender, o que acaba por estigmatizar os trabalhadores da atividade coletora.

Dentre as limitações da pesquisa, pode-se apontar o fato de ter acontecido no ambiente da própria empresa responsável pela coleta, já que, algumas vezes, foi preciso parar temporariamente algumas entrevistas e até mudar de local, devido a interrupções no recinto por parte de interferência da gerência. Outra dificuldade relacionou-se ao horário destinado para as entrevistas, que aconteceram sempre no final do expediente diurno e/ou início do expediente noturno. Isso acabou por incorrer no inconveniente da restrição de tempo dedicado à entrevista por parte dos trabalhadores, justificado pelo fato de residirem, em sua maioria, em cidades circunvizinhas, ou seja, os que estavam encerrando o dia de trabalho não tinham tanto tempo, já que precisavam tomar o transporte de retorno pra casa e os que chegavam para o turno da noite, chegavam sempre perto do horário de iniciar os procedimentos que antecediam a ida para os trechos de coleta. Isso, de algum modo, cerceou o tempo disponível para as entrevistas.

De todo modo e por fim, com todas as imperfeições e insuficiências que o texto possa conter, esperamos que esta pesquisa tenha contribuído para o esclarecimento de alguns pontos sobre a atividade de coleta de lixo domiciliar, podendo gerar discussões pertinentes a esta realidade de trabalho e apontar na direção de uma maior consciência da necessidade de melhorias para estes trabalhadores e sua atividade, que, embora imprescindíveis para a sociedade, são postos à margem, desvalorizados e invisibilizados. Além disso, temos a expectativa de incentivar o início de outras pesquisas que se disponham a abordar as muitas

questões que não foram aqui exploradas, pois somos cientes de que as análises deste estudo não esgotam de modo algum as possibilidades de compreensão e interpretação da atividade de coleta de lixo domiciliar.

REFERÊNCIAS

- Anjos, L. A. dos., & Ferreira, J. A., (2000). A avaliação da carga fisiológica de trabalho na legislação brasileira deve ser revista! O caso da coleta de lixo domiciliar no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(3), 785-790. doi: 10.1590/S0102-311X2000000300026
- Athayde, M. (1996). *Gestão de Coletivos de Trabalho e Moderno: questões para a engenharia de produção* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Barros, V. A., & Lhuilier, D. (2013). Marginalidade e reintegração social: O trabalho nas prisões. Manuscrito não publicado.
- Brasil. (2002). Código Brasileiro de Ocupações. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em 11 de maio de 2017.
- Brasil. (2004) Ministério do Trabalho e Emprego. Política Nacional de Segurança Saúde do Trabalhador. Brasília. Disponível em: <http://met.gov.br>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.
- Brasil. (2014). Ministério do Trabalho e Emprego. NR-1 – Disposições gerais. Manual de Legislação Atlas, São Paulo: Atlas, 73ª Edição.
- Cardoso, R. K., Rombaldi, A. J., & Silva, M. C. da., (2014). Distúrbios osteomusculares e fatores associados em coletores de lixo de duas cidades de porte médio do sul do Brasil. *Revista Dor*, 15(1), 13-16. doi:10.5935/1806-0013.20140004
- Castel, R. (1998). As metamorfoses do trabalho. In: *Globalização: o fato e o mito* (J. L. Fiori; M. S. Lourenço; J. C. Noronha, orgs.), pp. 147-163. Rio de Janeiro: EdUERJ
- Castel, R. (1995) *Crise nas proteções sociais*. Entrevista concedida a Jane A. Russo e Maria da G. R. da Silva. Folha de São Paulo. Caderno Mais.

- Coelho, M. M. (2012) *Condições de trabalho e saúde ocupacional dos trabalhadores da limpeza urbana*. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- Costa, C., & Silva, c. (2010). Análise do trabalho, formação contextualizada e ação de transformação das condições de trabalho no sector de saneamento de um serviço municipal. *Laboreal*, 6 (2) pp. 27-46.
- Costa, F. B. (2008). Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas (Um published doctoral dissertation). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994) Itinerário Teórica em Psicopatologia do Trabalho. In: Dejours, C; Abdoucheli, E. & Jayet, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 119-145). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C., & Gernet, I. (2011). Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: Bendassoli, P. F. & Soboll, L. A. P. (Orgs). *Clínicas do trabalho* (pp. 61-70). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (5 ed.). (A. I. Paraguay e L. L. Ferreira, trads.). São Paulo: Cortez-Oboré.
- Dejours, C. (2004a). Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S.; Sznelwar, L. (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 47-104). Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Editora Paralelo 15.
- Dejours, C. (2004b). Da psicopatologia á psicodinâmica do trabalho. In Lancman, S & Sznelwar, L. I. (orgs). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro; Editora: Fiocruz (pp. 57-123)

- Dejours, C. (2005). *O fator humano*. (5 ed.). (M. I. S. Betiol e M. J. Tonelli, trads.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Dejours, C. (2011). Da psicopatologia á psicodinâmica do trabalho. In Lancman, S & Sznelwar, L. I. (orgs). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. (3ª ed.). (F. Soudant, trad.) (pp. 57-123). Brasília, Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012). Trabalho vivo (F. Soudant, trad.). Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2013). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 33 (2) pp. 9-28.
- Dejours, C.(2017). *Psicodinâmica do Trabalho: Casos Clínicos*. Porto Alegre: Dublinense.
- Dias A. G., Diniz A. C., Antonio. L. S., Matos R. F., Braga D. L. C., Magossi A. (2015). Riscos Ocupacionais em Atividade de Coleta de Resíduos Sólidos. *E & S - Engineering and Science*. 1 (3).
- Diogo, M. F. (2007). Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação. *Psicologia em estudo*. 12 (3) pp.483-92.
- Dos Santos, Z. (2007). *Segurança no trabalho e no meio ambiente*. Rio Grande do Sul: Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/~mittmann/NR-9_BLOG.pdf. Acesso em: 01 nov. 2017.
- Eigenheer, E., M. (2009) *A história do lixo: a limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre, Pallotti.
- Falzon, P., & Teiger C. (2001). Ergonomia e formação, In: Carré, P.; Caspar, P. (Dir.). *Tratado das ciências e das técnicas da formação*. Lisboa: Instituto Piaget. pp. 161-178.
- Hughes, E. C. (1962). Good people and dirty work. *Social Problems*, 10(1), 3-11. Recuperado em 03 de novembro, 2018, de Recuperado em 03 de novembro, 2018,

de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/799402?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102142762513>

- Lacomblez, M., & Vasconcelos, R. (2009). Análise ergonômica da atividade, formação e transformação do trabalho: opções para um desenvolvimento durável. *Laboreal*, 5 (1) pp. 53-60.
- Lacomblez, M., & Teiger, C. (2007). Ergonomia, formações e transformações. In P. Falzon (ed.), *Ergonomia* (pp. 587-601) São Paulo: Blucher.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. UFMG/ArtMed.
- Lazzari, M. A. & Reis, C. B. (2011). Os coletores de lixo no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 16, num. 8, eneroagosto.
- Lhuilier, D. (2005). Le « sale boulot », *Travailler*, 14, 73-98
- Mendes, A. M. (2007). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In A. M. Mendes (Ed.), *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas* (pp. 23-48). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Molinier, P. (2013). Trabalho e psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho (F. Soudant, trans.). Brasília: Paralelo 15.
- Monteiro, J. H. P., Figueiredo, C. E. M., Magalhães, A. F., Melo, M. A. F., Brito, J. C. X., Almeida, T. P. F, & Mansur, G. L. (2001). *Manual de gerenciamento integrado de resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: IBAM.
- Nascimento, E. P. (2003). Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. Em: Bursztyn, M. (Org). *No meio da rua : nômade e excluídos e viradores*. (2ª Ed) Rio de Janeiro: Garamond

- Nepomuceno, V., Alvarez, D., Araújo, F., & Figueiredo, M. (2017). Ergonomia e formação nos locais de trabalho: um encontro possível? *Ação Ergonômica*, 12 (2) pp. 70-78.
- Nouroddine, A. (2004). Risco e atividade humana: Acerca da possível positividade aí presente. In M. Figueiredo, M. Athayde, J. Brito, & D. Alvarez (Orgs.), *Labirintos do trabalho: Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo* (pp. 37-62). Rio de Janeiro: DP & A.
- Padovani, A. (2009). *SST em Serviços Terceirizados de Limpeza e Conservação: aspectos gerais*. Copyright.
- Pedrosa, F. P., Gomes, A. A., Mafra, A. S., Albuquerque., E. Z. R. & Pelentir, M. G. S. A. (2010). Segurança do trabalho dos profissionais da coleta de lixo na cidade de Boa Vista – RR. In: XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção, São Carlos. Anais do XXX ENEGEP 2010 – Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho e meio ambiente. Rio de Janeiro: Editora da ABEPRO.
- Pinho, L. M., de & Neves, E. B. (2010). Acidentes de trabalho em uma empresa de coleta de lixo urbano. *Caderno de Saúde Coletiva*, 18, (2) pp. 243-251, Rio de Janeiro.
- Pontes, L. M., de, Sena, J. E. A., de & Ferreira, U. M. G. (2008). Perfil antropométrico e da composição corporal de garis de ambos os sexos que trabalham em setores diferenciados. *Revista Digital* – Buenos Aires, Ano 13, n. 120. Disponível em <http://www.efdeportes.com>
- Porto, M. F. P. (2000). Análise de riscos nos locais de trabalho: Conhecer para transformar. *Cadernos de saúde do trabalhador* (pp. 5-41). São Paulo: Instituto Nacional de Saúde do Trabalhador.
- Ré, A. (2006). Apprendre des erreurs, apprendre du quotidien: deux approches actuelles pour une analyse collective de l'activité. *Education Permanente*, 1(166) pp. 49-57.

- Rouquayrol, M. Z., & Goldbaum, M. (1999). Epidemiologia, história natural e prevenção de doenças (5 ed). Rio de Janeiro: MEDSI.
- Santos, T. L. F. (1999). Coletores de Lixo: *A Ambigüidade do Trabalho na Rua*. São Paulo: FUNDACENTRO
- Santos, I. V. de A. (2008). Estudo dos riscos de acidentes de trabalho em coletores de lixo. *Fórum Ambiental da Alta Paulista*, Volume IV.
- Santos, M. C. de O., Lima, F. de P. A., Murta, E. P., & Motta, G. M. V. (2009). Desregulamentação do trabalho e desregulação da atividade: o caso da terceirização da limpeza urbana e o trabalho dos garis. *Production*, 19(1) pp. 202-213.
- Santos, G. O., & Silva, L. F. F., da. (2009). Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. *Revista Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, 9 (2) pp.689-716, jun.
- Santos, G. O., & Silva, L., F. F. (2011). Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(8) pp. 3413-3419.
- Seligmann-Silva. (2010). Acidentes de trabalho e a dimensão psíquica. *Fórum do Trabalhador*, São Paulo.
- Seligmann-Silva, E. (2011). Trabalho e desgaste mental: O direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez.
- Silva, L. de A. M., & Morraye, M. de A. (2011). Os riscos e acidentes sofridos pelos coletores de resíduos sólidos do município de Patos de Minas/MG enquanto desafios para promoção de Saúde. *Revista Epistheme*, 1, (1), MG.
- Silva, T. L. da., & Moreira, I. A. (2001). Avaliação do perfil antropométrico e nutricional de coletores de lixo em treinamento para meia maratona. *Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, São Paulo, 5 (8) pp. 342-347.

- Smidt, L. H. & Vendruscolo, G. B. B. (2006). Exposição dos coletores de lixo domiciliar a riscos ambientais de um município da região das Missões/RS. *Trabalho apresentado no fórum internacional integrado de cidadania*, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – Campus Santo Ângelo/RS.
- Soares, A. (2011). L'élégance des éboueurs. In Corteel, D. & Le Lay, S. (Orgs.) *Les travailleurs des déchets* (pp 213-234), Toulouse: Éditions Érès.
- Souza, D. de O. (2009). A sistematização da assistência de enfermagem (SAE) aos profissionais da coleta de lixo urbano. *Trabalho apresentado no 61º congresso brasileiro de enfermagem*, Fortaleza.
- Vasconcelos, R., Duarte, S. D., Moreira, V. (2010). Projeto Matriosca: Análise do trabalho, formação e ação participativa para a prevenção de acidentes. *Proceedings of International Symposium on Occupation Safety and Hygiene 11-12 Feb. Guimarães: Portuguese Society Of Occupational Safety and Hygiene*, pp. 542-546.
- Vasconcelos, R. C., Lima, F. de P. A.s, Camarotto, J. A., Abreu, A. C. M. da S., & Coutinho Filho, A. O. S. (2008). Aspectos da complexidade do trabalho de coletores de lixo domiciliar: a gestão da variabilidade do trabalho na rua. *Gestão & Produção*, 15(2), pp. 407-419. doi:10.1590/S0104-530X2008000200015
- Velloso, M. P., Santos, E. M. dos & Anjos, L. A., dos. (1997). Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 13(4), pp. 693 -700.
- Velloso, M. P., Valadares, J. de C, & Santos, E. M. dos. (1998). A coleta de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do trabalhador. *Ciência & Saúde Coletiva*, 3(2), pp.143-150. doi:10.1590/S1413-81231998000200013.

Zaneti, I. C. B. B. (2006). *As Sobras da modernidade: O sistema de gestão de resíduos sólidos em Porto Alegre, RS*. Porto Alegre, RS: Famurs.

APÊNDICES

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

1. Nome: _____
2. Escolaridade: _____
3. Estado civil: _____
4. Sexo: _____
5. Idade: _____
6. Cidade onde reside? _____
7. Cidade onde Trabalha? _____
8. Cargo/Função: _____
9. Tempo na função: _____
10. Modalidade de contratação? _____
11. Composição familiar? _____
12. Renda pessoal? _____
13. Renda familiar? _____
14. Carga horária? _____
15. Você faz uso de alguma das substâncias psicoativas abaixo mencionadas?

Cigarro (tabaco) () Sim () Não. Com que frequência? _____

Álcool () Sim () Não . Com que frequência? _____

Remédio para dormir () Sim () Não . Com que frequência? _____

Outro? Qual? Com que frequência? _____

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Conte-me sobre sua **trajetória profissional**, e como se deu a sua inserção nessa atividade profissional?
2. Fale-me sobre a sua **formação profissional** (curso técnico, cursos de aperfeiçoamento, atualização, estágios, etc.) e aponte o que dessa formação é utilizado no seu trabalho atual?
3. O que faz um agente de limpeza urbana?
4. Como é seu dia de trabalho? Gostaria que você me relatasse da forma mais detalhada possível **um dia habitual de trabalho** seu. (Descrever o dia de trabalho, desde a hora de chegada, as primeiras atividades a serem desempenhadas, passando pelo horário de almoço, o tempo de pausa, até o horário de saída).
5. Acontecem **imprevistos** no seu cotidiano de trabalho? Quais? Como você lida com eles?
6. Você e seus colegas de trabalho desenvolvem **algum tipo de artimanha/estratégia/macete** para facilitar o trabalho?
7. Todos **obedecem a esta artimanha/estratégia/macete** ou cada um inventa seu jeito de facilitar o trabalho?
8. Durante o seu trabalho você costuma ter um **ritmo puxado**, do início ao fim, ou há momentos nos quais as tarefas ficam mais leves, de menor exigência?
9. O que você considera **mais difícil** no seu trabalho?

10. Você se sente **realizado** pessoal e profissionalmente? Explique
11. Você recebe algum tipo de **reconhecimento** pelo seu trabalho?
12. De quem? **Colegas de trabalho, diretor, usuários do serviço?**
13. Esse reconhecimento se refere a quê? Conte-me.
14. O que mais lhe dá **satisfação** no seu trabalho?
15. O que mais lhe faz **sofrer** no seu trabalho?
16. Quais os **riscos (físicos, químicos, biológicos, psíquicos)** que você identifica em seu trabalho e como você faz para se proteger deles?
17. Você já adoeceu ou se acidentou no trabalho, seja nesse ou em outros trabalhos anteriores? Se sim, relate-me.
18. Como você avalia as **condições de trabalho** as quais você está submetido?
19. Você teve algum tipo de **problema de saúde** desde que começou a trabalhar nessa função? Quais? Precisou se afastar do trabalho? Por quanto tempo?
20. Você identifica alguma **relação entre esses problemas de saúde e a atividade** que você desenvolve?
21. Você realiza **outros tipos de trabalho** remunerado além deste? Caso sim, gostaria de permanecer em qual trabalho, se pudesse escolher?
22. Como é que sua **família e amigos** encaram seu trabalho?
23. Então, diante de tudo isso, **o que é ser um agente de limpeza urbana** para você?
23. Porque você escolheu **ser agente de limpeza urbana?** Qual o **sentido** desse trabalho?
25. O que você costuma fazer no seu **tempo livre?**

26. Gostaria de falar mais alguma coisa?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Esta pesquisa é sobre Trabalho e Saúde dos coletores de lixo domiciliar de uma cidade paraibana, e está sendo desenvolvida por Celiana Pereira de Souza, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (Mestrado) da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Anísio José da Silva Araújo. Intitulada, **a relação trabalho-saúde de trabalhadores terceirizados na coleta domiciliar de uma cidade paraibana**, a pesquisa tem como objetivo geral: **objetivo geral Investigar a relação trabalho-saúde de trabalhadores terceirizados na coleta domiciliar de uma cidade paraibana**. Na intenção de atender o objetivo geral da pesquisa, elaboramos os seguintes objetivos específicos: **Analisar o processo e as condições de trabalho desses agentes de limpeza urbana; Identificar as fontes de prazer e sofrimento e os fatores geradores de satisfação e de reconhecimento na atividade; Identificar os riscos e as estratégias defensivas mobilizadas por esses trabalhadores para manutenção da saúde; Verificar como se manifesta a discrepância entre trabalho prescrito e trabalho real; Verificar como se encontram as relações intersubjetivas no trabalho, com os pares, hierarquia e clientela; Conhecer quais formas de adoecimento tem sido mais frequentes e seus motivos; Verificar as manifestações do sentimento de invisibilidade profissional no trabalho**. A mesma tem por finalidade contribuir com informações acerca da atividade de trabalho de agentes de limpeza urbana, incentivando o desenvolvimento de projetos que tragam melhores condições de trabalho para estes profissionais, novas possibilidades de treinamento, melhorias quanto a saúde e bem estar em geral, beneficiando não apenas os profissionais investigados, mas refletindo também na melhoria do serviço oferecido que é prestado a população. A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir de participar, não sofrerá nenhum dano, prejuízo ou retaliação. Os riscos envolvem aspectos subjetivos, considerando as reflexões que serão desenvolvidas pelos participantes a respeito de seu trabalho e sua saúde mental, podendo vir à tona questões particulares a cada sujeito e com implicações positivas ou negativas acerca daquilo que estará sendo investigado. Para o desenvolvimento desta pesquisa serão executados os seguintes procedimentos: Aplicação de um questionário; Realização de

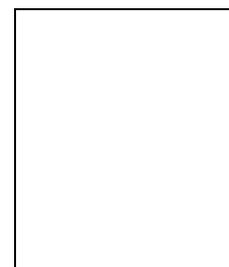
uma entrevista individual. Solicitarei aos participantes, por meio deste termo a permissão para que a entrevista seja gravada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicar em revista científica. Será garantida a privacidade dos dados e informações fornecidas, que se manterão em caráter confidencial. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome do participante será mantido em completo sigilo. O pesquisador responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa, através dos seguintes telefones: (83) 9900-1056 e (83) 8128-7068. Fica registrado, também, que o participante será conscientizado de que as informações, dados e/ou material serão usados pelo responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Cidade Paraibana _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador



Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora Celiana Pereira de Souza. Telefones: (83) 99900-1056/98128-7068.

E-mail: celianapereirasouza@gmail.com.

Endereço: Campus I – Cidade Universitária - João Pessoa – PB, Brasil. CEP: 58.051-900
Fone: +55 (83) 3216-7200. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de
Psicologia, Fone: (83) 3216-7006

**Comitê de ética em pesquisa-Centro de Ciências da Saúde -1º Andar/Campus I/ Cidade
Universitária/ CEP: 58.051-900 / (83) 3216-7791**

Email: eticaccsufpb@hotmail.com

ANEXOS

ANEXO 1

CARTA DE ANUÊNCIA



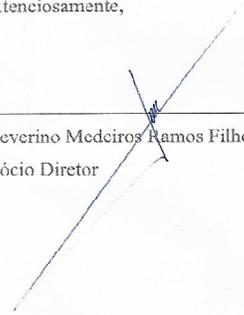
LIGHT - Engenharia e Comércio Ltda.
CGC 24.222.762/0001-09 - Insc. Munic. 034.881-1

AUTORIZAÇÃO N° 01/2016

Fica autorizada a pesquisa intitulada: "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE PARA TRABALHADORES NA LIMPEZA URBANA DE CAMPINA GRANDE-PB" com os profissionais desta empresa, através da Psicóloga Celiana Pereira de Souza do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Campina Grande, 28 de novembro de 2016.

Atenciosamente,



Severino Medeiros Ramos Filho
Sócio Diretor

Rua José Ermírio de Moraes, 226 – Distrito Industrial - Fone 83 3322 2041
CEP 58411-570 – Campina Grande - PB

ANEXO 2

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE TRABALHADORES TERCEIRIZADOS NA LIMPEZA URBANA DE CAMPINA GRANDE-PB

Pesquisador: Celiana Pereira de Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 64501617.0.0000.5188

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Psicologia Social

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.984.777

Apresentação do Projeto:

O projeto "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE DE TRABALHADORES TERCEIRIZADOS NA LIMPEZA URBANA DE CAMPINA GRANDE-PB" trata-se de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social/UFPB realizado pela pesquisadora Celiana Pereira de Souza e orientado pelo Prof. Dr. Anísio José da Silva Araújo.

"A pesquisa é de natureza qualitativa".

PARTICIPANTES: 15

"Participarão da pesquisa os profissionais de limpeza urbana de Campina Grande-PB, que poderão ser tanto do sexo masculino quanto feminino, bem como de diferentes idades e grau de escolaridade."

Critério de Inclusão:

* profissionais do serviço de limpeza de limpeza urbana que:

- trabalhem na cidade de Campina Grande-PB,
- integrem o corpo de funcionários de limpeza urbana,

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br